

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**ORGANIZAÇÃO DO NARCOTRÁFICO A PARTIR DA
DECADA DE 70: OS NOVOS MODELOS DE GESTÃO DA
EMPRESA CAPITALISTA SÃO UTILIZADOS NO TRÁFICO
DE DROGAS?**

FAUNNER ALFREDO CAVON

FLORIANÓPOLIS, 2012

FAUNNER ALFREDO CAVON

**ORGANIZAÇÃO DO NARCOTRÁFICO APARTIR DA
DECADA DE 70: Os novos modelos de gestão da empresa
capitalista são utilizados no tráfico de drogas?**

Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Professor Pedro Antonio Vieira

FLORIANÓPOLIS, 2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 7,0 ao aluno Faunner Alfredo Cavon na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Pedro Antonio Vieira

Prof. Helton Ricardo Ouriques

Prof. Luiz Mateus da Silva Ferreira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Ana Paula Tavares por ter me incentivado e pela paciência nos momentos de ausência para a conclusão deste.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os que me apoiaram no decorrer deste curso, principalmente minha família que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e auxiliando nos momentos mais difíceis.

EPÍGRAFE

“É comum não quisermos aceitar certos aspectos de nós mesmos. Isso leva ao abuso de álcool, cigarros, drogas, comida etc. É uma forma de nos castigarmos por não sermos perfeitos. Mas... perfeitos para quem? De quem são as exigências e expectativas que continuamos tentando atender? Proponha-se a deixar ir embora de sua vida as exigências e os padrões de outras pessoas. Sendo apenas você mesmo, descobrirá que é maravilhoso, exatamente como é neste instante.”

(Louise L. Hay)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a evolução do tráfico de drogas desde 1970 até os dias atuais, buscando verificar se esta evolução acompanhou as mudanças ocorridas na estrutura empresarial capitalista. Dessa forma, primeiramente será abordada a questão da evolução da indústria do narcotráfico da cocaína, os meios de transporte da droga e o porque desta atividade ter se tornado um grande negócio. Posteriormente será descrita a estrutura do crime organizado, buscando-se uma conceituação e analisando as diversas dimensões e etapas das organizações criminosas, bem como destacando a questão da lavagem de dinheiro. Finaliza-se com uma comparação entre o crime organizado e a estrutura empresarial, salientando aspectos como a internacionalização das organizações criminosas e empresariais, a influência da sociedade em rede e a era informacional. Para tanto, foi analisada a estrutura das organizações criminosas, a empresa capitalista, aspectos como a delegação de funções específicas para cada integrante, gerenciamento de recursos humanos, e o uso das tecnologias como alicerce de alianças estratégicas fundamentais para a expansão das atividades. A pesquisa nos permitiu concluir que a indústria do narcotráfico da cocaína consiste numa das atividades econômicas do crime organizado mais importantes, tornando-se, nas últimas décadas, um negócio extremamente lucrativo. Após as análises do crime organizado e da estrutura empresarial, também se conclui que é possível efetuar uma comparação entre o narcotráfico e a empresa capitalista, pois o crime organizado, assim como as empresas, precisa estabelecer regras, níveis hierárquicos, especialização de profissionais, uso de tecnologia, alianças e estratégias que possibilitam alcançar o lucro, dentre outras características semelhantes.

Palavras-chave: Narcotráfico; Crime organizado; Empresa capitalista.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the evolution of drug trafficking from 1970 up to now, checking whether this development has followed the changes in the capitalist corporate structure. Therefore, firstly it will address the question of the evolution of the drug trafficking industry of cocaine, the transportation of drugs and the reason that this activity has become a big business. Later we will describe the structure of organized crime, looking for a conceptualization and analyzing the various dimensions and stages of criminal organizations, as well as highlighting the issue of money laundering. It is finalized with a comparison between organized crime and corporate structure emphasizing aspects such as the internationalization of organized crime and business, the influence of the network society and the information age. Therefore, it was analyzed the structure of criminal organizations, the capitalist enterprise, aspects such as the delegation of specific functions for each member, human resource management, and use of technologies as fundamental strategic alliances for the expansion of activities. The research allowed us to conclude that the trafficking industry of cocaine consists of one of the most important economic activities of organized crime, becoming in the last decades an extraordinarily lucrative business. After having analyzed the structure of organized crime and an enterprise structure, concludes that is possible to draw a comparison between drug dealing and capitalist enterprise because the organized crime, as the enterprises, needs to establish rules, hierarchical levels, professional specialization, to make use of technology, to create alliances and strategies leading to achieving profit, among other similar characteristics.

Keywords: *Drug trafficking; Organized crime; Capitalist company.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1 A INDÚSTRIA DO NARCOTRÁFICO E A EXPANSÃO DA COCAÍNA.....	11
1.1 Evolução da indústria do narcotráfico da cocaína	11
1.2 Cadeia mercantil da cocaína.....	14
1.2.1 Plantio	16
1.2.2 Produção da pasta e refino	17
1.2.3 Transporte e distribuição da cocaína	18
1.3 Cocaína: um grande negócio.....	23

CAPÍTULO II

2 O CRIME ORGANIZADO E SUA ESTRUTURA	26
2.1 Conceitos de crime organizado.....	26
2.2 A estrutura do crime organizado.....	30
2.3 As etapas do crime organizado.....	33
2.4 Como ocorre a lavagem de dinheiro	36

CAPÍTULO III

3 COMPARAÇÃO ENTRE O CRIME ORGANIZADO E A ESTRUTURA EMPRESARIAL.....	39
3.1 Estrutura do tráfico de drogas versus a estrutura empresarial moderna.....	39
3.2 A internacionalização das organizações empresariais criminosas e legais no contexto da sociedade em rede .	45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

A atividade de tráfico de drogas tem trazido consequências sociais e econômicas. Sabe-se da dificuldade em combatê-la, pois tornou-se uma atividade econômica geradora de grandes lucros. No caso da cocaína, por exemplo, são grandes somas de dinheiro envolvidas¹, o que torna a atividade visada por muitos grupos traficantes.

A expansão dos negócios e o aumento da repressão levaram a um aperfeiçoamento e sofisticação da organização, que passou a adotar modelos de gestão empregados nas empresas legais. O presente trabalho se propõe a estudar o narcotráfico enquanto organização empresarial, com o objetivo último de avaliar até que ponto estão sendo adotados os padrões organizacionais da empresa capitalista. Este objetivo geral pode ser desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- 1) compreender como ocorreu a evolução da indústria do narcotráfico;
- 2) descrever a estrutura do crime organizado;
- 3) comparar a estrutura do crime organizado do narcotráfico com os novos paradigmas da empresa capitalista.

Cada um destes objetivos foi abordado em um capítulo, respectivamente.

No capítulo I abordar-se-á o desenvolvimento da produção e da comercialização da cocaína, ou seja, o desenvolvimento daquilo que comumente se chama de narcotráfico. Inicia-se com a evolução da indústria da cocaína, seu processo de produção, partindo-se para os meios de transporte utilizados pelos traficantes, mostrando sua cadeia mercantil, com uma análise da cocaína como um grande negócio no mundo econômico.

¹ Conforme matéria publicada na Revista Veja em 25/10/11, o tráfico de drogas teria lavado cerca de 1,6 trilhão de dólares, ou seja, 2,7% do PIB mundial em 2009, segundo um relatório publicado pela ONU. Este relatório concedeu uma atenção específica ao mercado da cocaína, considerada a droga mais lucrativa para o crime entre fronteiras. De acordo com o relatório: "O lucro bruto dos traficantes advindo do comércio da cocaína só nos Estados Unidos se elevou a cerca de 84 bilhões de dólares em 2009. Enquanto os produtores andinos de coca ganharam cerca de um bilhão de dólares, a grande quantidade de lucros gerados pela cocaína foi registrada na América do Norte (35 bilhões de dólares) seguida pela Europa Ocidental e Central (26 bilhões de dólares)". (**Tráfico**: cifras astronômicas, apreensões mínimas. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/trafico-de-drogas-cifras-astronomicas-apreensoes-minimas-segundo-a-onu>>. Acesso em: 30 jan. 2012).

No capítulo II será analisada a estrutura do crime organizado. Inicia-se com uma busca pela conceituação do crime organizado, partindo-se para as etapas que permeiam a organização criminal e por fim, compreendendo como ocorre a lavagem de dinheiro.

No capítulo III será realizada uma comparação entre o crime organizado e a estrutura empresarial, analisando-se a internacionalização das organizações criminosas e empresariais e a sociedade em rede, bem como a era informacional.

Para esta pesquisa, que tem caráter exploratório e eminentemente bibliográfico, foram utilizadas obras de autores como Francis Rafael Beck, Manuel Castells, Osvaldo Coggiola, Rene Armand Dreifuss, Mário Magalhães, Adriano Oliveira, dentre outros.

Na sociedade, as empresas crescem cada vez mais, assim como as organizações criminosas. Justifica-se este trabalho, portanto, na intenção de analisar se este crescimento tem relação com a forma estrutural de ambas as atividades e se elas possuem semelhanças quanto a esta estrutura.

Dessa forma, parece conveniente estudar como ocorre a organização criminal e de que forma o tráfico de drogas atua na sociedade e na economia do país e do mundo. Afinal, de acordo com um interesse particular de atuação profissional nesta área, é fundamental compreender como a atividade se desenvolve, para que posteriormente, se possa combater as ilicitudes de forma eficaz e buscar inibir a atuação destes grupos que estão cada dia mais atuantes.

CAPITULO I

A INDÚSTRIA DO NARCOTRÁFICO E A EXPANSÃO DA COCAÍNA

A sociedade moderna está em constante desenvolvimento. Cada dia surgem inovações e tecnologias capazes de transformar o mercado. Dessa forma, não é possível para uma empresa permanecer inerte frente às mudanças que vem ocorrendo no mundo.

Inserido neste ambiente de mudança contínua, o narcotráfico, como uma “indústria” – mesmo que ilegal –, também passou por alterações no decorrer dos anos, aprimorando sua forma de produção, criando novos mercados, expandindo suas atividades, investindo nos meios de transporte de drogas, buscando relações internacionais, de modo a auferir lucros cada vez maiores.

Nessa perspectiva, este capítulo fará uma introdução sobre ilegalidade do narcotráfico, mostrará onde está localizada a produção da cocaína, como ela é transportada, por quem é transportada, quem comanda esse transporte e qual seu destino final, bem como relatará a questão da divisão internacional do trabalho desse produto, e como o tráfico de entorpecentes tem um grande peso econômico para algumas nações latino-americanas e para o mundo a partir da década de 70.

1.1 Evolução da indústria do narcotráfico da cocaína

Primeiramente, vale ressaltar que as reações do organismo humano ao uso das drogas mais consumidas (cocaína, maconha, crack, heroína, álcool), vão além de simples alterações do humor, pois os narcóticos diminuem a atividade mental, aliviam a dor, dão sonolência ao provocar a queda de pressão e dos batimentos cardíacos, pode provocar a morte. Pode-se citar então, a cocaína e o crack, que aumentam a atividade mental, primeiramente excitando, posteriormente provocando depressão, podendo também causar problemas cardíacos e cerebrais. (MAGALHÃES, 2000). Apesar dos efeitos negativos, a breve sensação de bem-estar

que altera para melhor a realidade do usuário, fez a cocaína produzida nos países andinos, chegar a praticamente todos os lugares do mundo.

No entanto, assim como outras drogas, a cocaína é viciante e não muito acessível, se comparada a outros tipos de drogas, como a maconha, fator este que fez com que muitos traficantes vissem na cocaína um mercado lucrativo. (MAGALHÃES, 2000).

Um estudo realizado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), em 2010, levantou aspectos importantes acerca do tráfico de drogas, como se demonstra a seguir:

Fluxos financeiros emergentes de várias atividades transnacionais de crime organizado foram resumidos no relatório do UNODC: A Globalização do Crime: uma Avaliação da Ameaça Crime Organizado Transnacional (Junho 2010). O estudo, que também apresentou estimativas preliminares dos montantes envolvidos para alguns fluxos de tráfico, sugeriu que o tráfico de drogas relacionadas, nomeadamente o tráfico de cocaína, é de longe a mais importante atividade de crime organizado transnacional em termos monetários.²

Portanto, pode-se observar que atualmente o tráfico de drogas, especialmente o tráfico da cocaína, é uma das atividades do crime organizado mais importantes em relação ao sistema monetário, pois que envolve grande retorno financeiro. O mesmo acontece no Brasil, “O produto de maior peso financeiro do narcotráfico brasileiro é a cocaína. A coca é cultivada destacadamente na Colômbia, na Bolívia e no Peru, países onde é considerada sagrada pelos indígenas”. (MAGALHÃES, 2000, p.32).

Historicamente, conforme explica Magalhães (2000), nos países andinos ocorria apenas o plantio da coca, que nessas culturas tinha fins medicinais.

Na década de 1880, a matéria-prima da cocaína, a saber, a folha de coca, já era consumida em forma de chá por toda a Europa e América do Norte, sendo que a sua comercialização era livre. Na mesma época, a cocaína passou a ser usada também como anestésico, estimulante mental e do apetite, afrodisíaco e para o tratamento da asma e problemas digestivos. (SOUZA, 2001).

Relata a autora que em 1885 surge a coca-cola que usava justamente as folhas de coca em sua fórmula, além do surgimento do *wine-coca* – um tipo de vinho

² UNODC.

à base de folha de coca popular na Europa. Em 1904 proibiu-se as bebidas com base na cocaína, fator este que motivou as empresas a alterar suas fórmulas. No Brasil, a cocaína chegou nos anos 1970 e se expandiu rapidamente.

Entretanto, de acordo com Magalhães (2000), foi encontrada uma nova forma de utilizar a folha dessa planta, que rapidamente seduziu milhares de pessoas pelo mundo, pois com seus efeitos alucinógenos causava sensações que muitas pessoas almejavam experimentar.

Em 1911 houve uma reunião em Haia, na Holanda discutindo o ópio e a cocaína, já que não estavam apenas sendo usados pela medicina, mas também por indivíduos e com outras finalidades, como alucinógenas. Esta reunião resultou na assinatura de um tratado, do qual o Brasil foi signatário, para que se coibisse o uso de drogas. Em 1914, nos Estados Unidos, aprova-se uma lei interna proibindo a comercialização e o livre consumo das drogas. (SOUZA, 2011).

Em 1921, conforme Magalhães (2000) surge no Brasil a primeira lei restritiva ao uso de ópio, morfina, heroína e cocaína, com punição para sua utilização. O Congresso Nacional aprovou a lei proibindo a venda de cocaína e criou estabelecimentos especiais para tratamento de dependentes.

Já se sabia que o uso não-medicinal e abusivo da cocaína prejudicava a saúde e causava dependência. Só que o consumo da droga era quase restrito a círculos artísticos, intelectuais e aristocráticos, com pouca penetração em outros ambientes. (MAGALHÃES, 2000, p.84).

As drogas, porém, continuam sendo consumidas ilegalmente, sendo a cocaína a droga que mais proporciona lucro para as redes de narcotraficantes espalhadas pelo mundo.

1.2 Cadeia mercantil da cocaína

No narcotráfico da cocaína, assim como em outras atividades de organizações criminosas, é fundamental o contato com outros países ou regiões, o que nos leva à extensão de suas redes de produção, comercialização, consumo final, dentre outros.

Levando em consideração ainda os processos produtivos do produto, no caso, a cocaína, podemos nos remeter ao conceito de cadeia mercantil, como demonstra Vieira: (VIEIRA, 2010, p.5-6).

Como se concretiza a economia-mundo? Ou ainda, qual a extensão ou o território de uma economia-mundo? A concretização e a extensão de uma economia-mundo é medida pela variedade e extensão de suas redes de produção e troca que em linguagem mais técnica Wallerstein e Hopkins (2000) denominaram “cadeias mercantis” (commodity chains). Com este conceito os autores designam “processos produtivos interligados que têm cruzado múltiplas fronteiras e que sempre apresentaram dentro deles diferentes formas de controle do trabalho.” (WALLERSTEIN e HOPKINS, 2000:221).

O autor também relata acerca da composição de uma cadeia mercantil:

“Mais especificamente, uma cadeia mercantil é composta por todas as fases e ou processos necessários à produção e comercialização de uma mercadoria, desde seus insumos até o consumo final”. (VIEIRA, 2010, p.5-6).

As cadeias mercantis, conforme aponta Vieira, constituem uma peculiar divisão mundial do trabalho. Em sua concepção:

O conceito de divisão do trabalho é (...) precisamente a existência de diferentes atividades (a divisão técnica), em diferentes regiões (divisão espacial) realizadas por diferentes grupos étnicos (divisão étnica) com diferentes remunerações (divisão de renda) que permite o florescimento da economia-mundo européia. Um aspecto da divisão técnica do trabalho é o emprego de diferentes formas de controle do trabalho (expressão que Wallerstein usa para designar o que na sociologia conhecemos por relações de trabalho), as quais implicam e mesmo dão lugar a estratificações políticas, econômicas e sociais, “que por sua vez tiveram diferentes conseqüências políticas para os “Estados”, quer dizer, para as arenas da ação política” (WALLERSTEIN e HOPKINS, 2000:221).

Vieira também dispõe que:

(...) o conceito de cadeia mercantil impede separar o que a busca do lucro e do poder uniram e força situar num mesmo continuum governantes, negociantes, consumidores e trabalhadores dos vários espaços ou jurisdições políticas em que estão localizadas as atividades em que se decompõe o processo de produção, comercialização e consumo de uma mercadoria. (VIEIRA, 2010, p.5-6).

Na visão de Comerlatto (2006), a noção de cadeia mercantil vem sendo utilizada para analisar a expansão industrial que caracteriza o processo de globalização, bem como a forma como vários países e regiões se envolvem nesse processo.

Nessa utilização, tais cadeias são identificadas, em sintonia com as contribuições dos autores da economia política dos sistemas-mundo (como Hopkins e Wallerstien, 1994), como grupos de “atividades implicadas no design, produção e comercialização de um produto” (GEREFFI, 1999, p. 1), apresentando-se “enraizadas em sistemas transnacionais de produção que ligam as atividades econômicas das firmas às redes tecnológicas, organizacionais e institucionais usadas para desenvolver, fabricar e comercializar mercadorias específicas” (GEREFFI, 1995, p. 113).

Comerlatto considera, além da divisão do trabalho, a questão da governança:

Além da divisão do trabalho, um ponto a se considerar sobre as cadeias mercantis nessa perspectiva se refere à “governança” ao nível dessas redes transnacionais, ou seja, à coordenação e ao exercício do poder. A governança em uma cadeia mercantil está relacionada com a organização de tal cadeia. Duas formas básicas de governança são identificadas pelos autores. Uma se refere às cadeias organizadas e comandadas por compradores – grandes varejistas, proprietários de marcas, que alcançam mercados em termos internacionais. A outra diz respeito às cadeias organizadas e comandadas por produtores – em indústrias como a automobilística, por exemplo. (COMERLATTO, 2006)

No primeiro caso, quando as cadeias são comandadas por compradores, eles criam, organizam e coordenam grandes redes de produção, que alcançam vários países, sendo que geralmente estas redes abarcam setores de bens de consumo, cuja fabricação apresenta alta intensidade de trabalho, e os produtos são diversificados, desde alimentos a equipamentos eletrônicos. As atividades produtivas são orientadas mais para a exportação e envolvem contratos internacionais entre grandes comerciantes. (COMERLATTO, 2006).

No segundo caso, conforme Comerlatto (2006), as cadeias são comandadas por produtores que envolvem setores intensivos em capital e tecnologia.

Ademais:

(...) observam-se características típicas de indústrias formadas por grandes corporações – transnacionais – que controlam a produção a partir de instâncias de comando centralizadas. Como exemplos desse tipo de indústria, pode-se citar a indústria aeronáutica, de informática e automobilística. O controle nesse tipo de cadeia abrange os vários vínculos existentes nas dinâmicas produtivas, desde as relações com fornecedores de matérias-primas e componentes, até as atividades de distribuição e venda final. (COMERLATTO, 2006).

Para empresas que coordenam esse tipo de cadeia, o lucro geralmente é decorrente das economias de escala e do desenvolvimento tecnológico. (COMERLATTO, 2006).

Baseado nestes conceitos de divisão do trabalho percebeu-se que esta divisão ocorre na cadeia mercantil da cocaína, por meio das atividades de plantio, processamento, comercialização e transporte, bem como pela relação entre diversos países consumidores do produto e a necessidade de sua relação constante com estes.

1.2.1 Plantio

Quanto ao processo de produção, ele está dividido basicamente em duas etapas: o plantio e sua transformação.

O plantio da coca ocorre nos países andinos, principalmente no Peru e Bolívia, sendo que a transformação da folha em pasta-base geralmente é feita a certa distância dos campos de cultivo para evitar sua descoberta, como demonstra Castells:

Mais uma vez tomando como exemplo a cocaína, as folhas de coca são, e têm sido cultivadas e consumidas de forma segura por milhares de anos na região andina. O Peru é responsável pela produção de cerca de 55% das folhas de coca do mundo, a Bolívia responde por cerca de 35% da transformação de folhas de coca em pasta, e mais tarde, em pasta-base em geral ocorre nos países plantadores, embora seja realizada a certa distancia dos campos de cultivo para evitar sua descoberta.(CASTELLS, 1999, p.228).

O relatório da UNODC demonstra que a produção ilícita de drogas, continua, apesar de certo declínio, significativa nos países andinos:

A Colômbia, o Peru e o Estado Plurinacional da Bolívia são responsáveis por cerca de 100% da produção global da folha de coca, matéria prima para a fabricação de cocaína. Em 2010, a coca foi cultivada em 149.100 hectares nos países andinos, abaixo dos 221.300 hectares em 2000. A produção de cocaína em laboratórios clandestinos também ocorre, em grande parte, nos países andinos. Desde 2007, a produção de cocaína tem demonstrado uma clara tendência de declínio, principalmente devido à queda da produção na Colômbia, que permaneceu em 2010³.

³ UNODC.

Este relatório sobre a ameaça do crime organizado também destaca que o plantio é feito por fazendeiros da Colômbia, Peru e Bolívia, países que dominam o cultivo dessa planta.

Após a colheita das folhas de coca, a próxima etapa consiste na sua transformação, em pasta-base ou pó, como se verá a seguir.

1.2.2 Produção da pasta e refino

Depois da colheita da plantação de coca, é necessária a produção da droga. O processamento é feito em laboratórios clandestinos que misturam a folha da coca com produtos químicos, transformando em pasta-base e após o refino, em pó.

Após a produção da pasta-base, esta é transportada até a Colômbia, onde é refinada em laboratórios especializados, “Apesar de toda a repressão ao tráfico, a Colômbia continua sendo o principal centro de refino e técnicas avançadas de processamento da coca” (CASTELLS, 228, p.228).

Magalhães relata acerca da produção da cocaína:

Organizações do tráfico fornecem as sementes para parcela dos agricultores. Alguns já as têm. Após a colheita, o mesmo grupo que financiou a plantação da coca ou outro que a comprou produz a pasta-base, nos três países, todos vizinhos do Brasil. (MAGALHÃES, 2000, p.32).

Magalhães se refere aos países já citados anteriormente, Colômbia, Peru e Bolívia. Importante destacar que Castells (1999) afirmou anteriormente, que só a Bolívia responde por cerca de 35% da transformação de folhas de coca em pasta.

De acordo com Magalhães, a próxima etapa consiste em refinar para fabricar o cloridrato de cocaína, o pó branco pronto para ser usado. O refino concentra-se na Colômbia, onde estão os traficantes que têm à sua disposição a pasta-base de produção local e a fornecida por bolivianos e peruanos. (MAGALHÃES, 2000).

Depois do refino, redes de narcotraficantes têm como objetivo transportar a cocaína em pó para os principais mercados consumidores, os Estados Unidos e a Europa. (CASTELLS, 1999).

Souza (2011) relata que as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), montaram bases na Amazônia a fim de explorar novos territórios e novos mercados consumidores e produtores de cocaína. Percebe-se, então, que o tráfico de drogas entre países era (e ainda continua sendo) disseminado por meio das fronteiras.

Tida como a maior e mais antiga guerrilha das Américas, as Farc – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – chegaram a ter 35 mil homens. Fundada em **27 de Maio de 1964**, durante uma guerra interna na Colômbia, a organização, que vive nas selvas e montanhas, passou a sobreviver, especialmente, da produção e venda de cocaína e papoula. As Farc produzem **39% da droga colombiana**. Outra parte de sua “receita” o grupo obtém com as centenas de seqüestros que realiza no país. Calcula-se em 250 milhões de dólares o montante que a organização chegou a conseguir com resgates. (SOUZA, 2011, s/p).

Portanto a produção da cocaína esta basicamente localizada nos países andinos que possuem grupos especializados controlando e coordenando todo o processo, desde o plantio até seu refino.

1.2.3 Transporte e distribuição da cocaína

Após vários anos de discussões e convenções, alguns tratados foram realizados entre países a fim de coibir o uso de drogas e em grande parte do mundo o comércio da cocaína tornou-se ilegal.

No entanto, esta proibição não inibiu seu comércio, fazendo com que indivíduos se organizassem ilegalmente a fim de transportar o produto, da sua origem para o restante do planeta.

De acordo com Magalhães (2000), no final da década de 80, as duas grandes organizações criminosas da Colômbia, o Cartel de Medellín, comandado pelo chefe Pablo Escobar e o Cartel de Cali, comandado pelos irmãos Gilberto e Miguel Rodríguez-Orejuela, controlavam a maior parte da cadeia produtiva da cocaína, do plantador da coca ao varejista. Com a morte de Escobar em 1993 e a prisão dos Rodríguez-Orejuela em 1995, os grupos se desarticularam, dividindo-se em aproximadamente 40.

O gerenciamento do transporte é responsabilidade dos cartéis de drogas, que fazem a cocaína chegar nos EUA via México e na Europa via África e Brasil. No entanto quem executa essa tarefa são pessoas terceirizadas, que via terrestre, aérea ou marítima transportam essa mercadoria de grande valor correndo muito risco.

Para conseguir burlar a fiscalização das fronteiras, as redes de narcotraficantes inovam suas táticas com extrema rapidez, para garantir que seu produto não seja apreendido pelas autoridades locais.

Para fazer chegar a cocaína nos EUA, que é o principal mercado consumidor, “os fluxos do tráfico são principalmente direcionados a partir dos países produtores de cocaína na região dos Andes rumo a América do Norte ou via América Central para o México ou via Caribe para os Estados Unidos”⁴

Conforme o relatório da UNODC, uma das rotas de entrada da cocaína na Europa é o continente africano, que funciona então como ponto de apoio para a distribuição da droga:

A África tem sido afetada por significativas cargas de cocaína vindas da América do Sul para a Europa nos últimos anos. As quantidades traficadas via África para a Europa, porém, parecem ter diminuído em 2008 e 2009, e parcialmente retomadas em 2010. Estimativas de 2009 sugerem que algo em torno de 35 toneladas métricas de cocaína podem ter saído da América do Sul para a África e que 21 toneladas métricas realmente chegaram à Europa. A maior parte do resto parece ter sido consumido localmente. Além disso, há indícios de que países do Oeste Africano estão sendo usados para armazenar cocaína, posteriormente traficada em pequenas quantidades para a Europa.⁵

Conforme Magalhães, uma das portas de entrada mais utilizadas para a chegada da cocaína no Brasil é o município de Tabatinga (AM):

Uma das mais escancaradas portas de entrada de cocaína no Brasil é o município de Tabatinga (AM), fronteira terrestre com a cidade colombiana de Leticia, onde há um radar instalado, mantido e protegido por fuzileiros navais norte-americanos. Tabatinga fica numa das margens do rio Solimões. Na outra, está o Peru. Essa área é chamada de Alto Solimões. Do Pará, no norte do país, ao Paraná, no sul, uma extensa faixa fronteira brasileira é território livre para o ingresso de abundantes carregamentos de droga. (MAGALHÃES, 2000, p.34).

Magalhães afirma que quanto mais acima está situada a região, mais fácil é a entrada da cocaína no exterior:

⁴ UNODC.

⁵ UNODC.

A tendência é, quanto mais acima (Pará, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia) entra a cocaína, maior a chance de o seu destino ser o exterior. Se a porta for Mato Grosso do Sul e Paraná, haverá mais possibilidades de a escala final ser o mercado nacional. Isso é tendência, não a regra. (MAGALHÃES, 2000, p.34).

Uma das facilidades dos traficantes brasileiros, conforme o autor, é a abundância de pistas de aviões cuja existência é, às vezes, desconhecida pelas autoridades aeronáuticas, pois são clandestinas:

(...) No Pará, herança dos garimpos de ouro, há 3 mil. No estado de São Paulo, levantamento da Secretaria de Segurança contabilizou 366 “aeroportos clandestinos” em 166 cidades. O espaço para pouso e decolagem de aeronaves carregadas de drogas, a rigor, não é necessário. As de pequeno e médio porte sobrevoam fazendas a baixa altitude e jogam os pacotes. É o padrão no interior de São Paulo. (MAGALHÃES, 2000, p.35).

O autor salienta que a cocaína segue para o exterior por via marítima e aérea, tendo como os principais portos de saída os de Santos e do Rio. “Quantidade volumosa é embarcada, em alto-mar, em barcos que partem da região Norte, principalmente de Belém”. (Magalhães, 2000, p.35).

O autor ainda destaca que a mercadoria é levada às embarcações por meio de aviões, que a jogam no oceano, de onde é recolhida.

Segundo Magalhães (2000, p.36):

Nas operações robustas, a cocaína é acondicionada em contêineres, escondida em meio a remessas de produtos exportados, como fumo, frangos, soja, arroz, eletrônicos – tudo o que servir ao disfarce elaborado pelos traficantes.

Quanto ao tráfico por meio de mulas (indivíduos que levam consigo a mercadoria), esta é a alternativa menos utilizada, apesar de envolver muitas pessoas. Os truques são bem elaborados, como roupas que são engomadas com cocaína, que posteriormente saem na lavagem e cabelos que são pintados com loção impregnada com a droga, num método semelhante. (MAGALHÃES, 2000).

Percebe-se então que muitos são os métodos utilizados pelos traficantes, que usam não apenas os exemplos citados, mas também latas, pranchas de surfe, pacotes amarrados ao corpo, cápsulas ingeridas, dentre outros de que se tem conhecimento. “No Brasil, agem “mulas” de dezenas de nacionalidades.” (Magalhães, 2000, p.36).

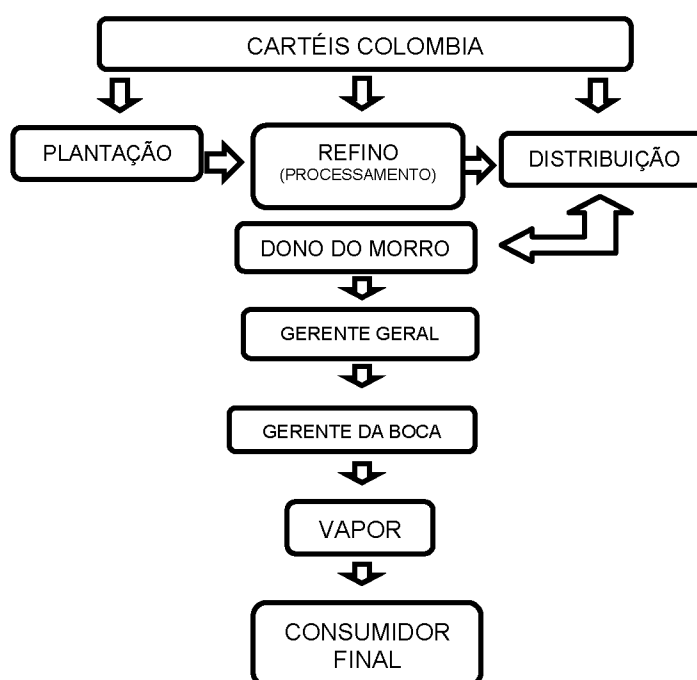
Chegando a droga nos países consumidores, ela é repassada e vendida pelos grandes traficantes a outros indivíduos que agem localmente, distribuindo a droga em seu território, sendo então responsáveis pela venda a pequenos consumidores, ou seja, o consumidor final. (MAGALHÃES, 2000).

Nota-se, então, que o tráfico de cocaína tem se demonstrado como uma atividade arriscada, mas rentável, prova disto é que apesar de haver legislações pertinentes à temática e da fiscalização pelos órgãos competentes, os grandes traficantes continuam realizando seus negócios em volumes muito expressivos.

Entretanto, de acordo com Castells (1999), a partir da década de 90 consolidaram-se algumas transformações na cadeia mercantil; o México tornou-se um centro autônomo de exportação, os cartéis colombianos fizeram alianças com máfias pelo mundo e novas tecnologias de comunicações proporcionaram o aumento da flexibilidade e complexidade da “narcoindústria”.

Devido a ilegalidade da cocaína na maior parte do mundo, esse produto quando consegue chegar ao seu destino final, leva consigo um grande valor agregado, que proporciona lucros vultuosos aos traficantes que estão no comando da cadeia mercantil da cocaína.

Como exemplo podemos visualizar a cadeia mercantil da cocaína desde a sua plantação na Bolívia até o consumidor final no Rio de Janeiro, conforme organograma abaixo:



Folha de coca, plantada e Processada na Bolívia, transportada via Mato Grosso, e Mato Grosso do Sul por “mulas”, para o Rio de Janeiro. Esse processo é gerido pelos cartéis colombianos. No Rio a cocaína é distribuída para os “donos” dos morros, sendo o Comando Vermelho a principal rede organizada. “O controle das importações de cocaína pelos atacadistas significa que os donos dependem totalmente deles para prosseguir em seu negócio” (DOWDNEY).

Após a chegada da cocaína no Rio, esta é vendida e distribuída para os consumidores finais por uma rede de agentes que trabalham para os “donos” (DOWDNEY).

Essa rede é composta pelo “dono do morro”, responsável por todo o comando do morro. Uma parte desse comando é passada para “gerente geral”, responsável por controlar todos os lugares de venda de drogas que pertencem ao domínio do “dono”, conhecidas como as “bocas”. Cada “boca” tem seu gerente responsável por controlar seu funcionamento. A responsabilidade de fazer a venda da droga ao consumidor final é do “vapor” (DOWDNEY).

Todo esse aparato é controlado pelo dono do morro, que possui um forte esquema de segurança para garantir o controle e a venda de entorpecentes.

“Hoje no Rio de Janeiro tráfico existe sob a forma de grupos armados, ou facções, que submetem as comunidades das favelas urbanas aos seus interesses políticos e econômicos por meio da dominação territorial ou paramilitar” (Souza, 2001).

Procurou-se mostrar, então, que a evolução do narcotráfico da cocaína criou conexões entre produtores, comerciantes e consumidores, tornando a atividade mais expansiva e demonstrando que todo o processo pelo qual passa a cocaína, desde o plantio até a distribuição entre os consumidores finais, fazem parte de uma cadeia mercantil, pois envolvem pessoas e países e regiões diferentes.

1.3 Cocaína: um grande negócio

O tráfico da cocaína nas últimas décadas tornou-se um negócio extremamente lucrativo.

De acordo com o relatório anual das Nações Unidas, no ano de 2009, US\$ 1,6 trilhões de dólares teriam sido “lavados” pelo mundo. Este dinheiro teria sua origem em atividades criminosas, sendo que a principal mercadoria geradora dessa “riqueza” é a cocaína⁶.

Esse mesmo relatório mostra que países como Estados Unidos, Reino Unido, Colômbia, Itália, México, Espanha, Alemanha, França, Canadá, Argentina, Austrália e Brasil geram 86% dos lucros obtidos no mercado do varejo. Com o tráfico de cocaína nos EUA foram gerados US\$35 bilhões de dólares. Ademais, o montante gerado com atividades ilegais no ano de 2009 teria chegado a 2,7% do PIB Mundial⁷.

Nesta perspectiva, percebe-se o tráfico de drogas, especificamente da cocaína, como uma atividade lucrativa que vem possibilitando o enriquecimento de muitos traficantes e influenciando na economia mundial por meio da lavagem de dinheiro.

Pode-se considerar que na América Latina a evolução do tráfico da cocaína a partir da década de 70, teve seu crescimento e desenvolvimento expressivo.

Sua forma de organizar-se concedeu um novo e ousado ritmo a essa atividade.

O crescimento extraordinário da indústria do tráfico de drogas desde a década de 70 tem transformado a economia e política da América Latina. Paradigmas clássicos de dependência e desenvolvimento tiveram de ser repensados de modo a incluir, como elemento fundamental, as características da indústria da droga, bem como sua profunda penetração nas instituições do Estado e na organização social. (CASTELLS 1999, p.227).

Coggiola (2005) relata que a disseminação do tráfico de drogas, teve suas raízes em problemas sociais, como o desemprego.

⁶ UNODC.

⁷ UNODC.

Com a tentativa de se reduzir as dívidas externas, alguns países, como o México acabaram aumentando a dívida interna. Fernando Collor, no Brasil, também afetou a economia acabando com a reserva de mercado. Quanto à Argentina, afirma o autor que muitas linhas aéreas foram privatizadas. Com atraso econômico, os países da América Latina “afundaram”, aumentando os níveis de desemprego, o que por sua vez, a exemplo da Bolívia, fez com que certa parcela da população apelasse para a plantação ilegal de coca. (COGGIOLA, 2005).

Em 1982 o governo mexicano declarou moratória por não conseguir continuar pagando sua dívida. Foi nesse sentido que o Fundo Monetário Internacional que tinha como função fornecer recursos financeiros, como um banco, passou a gerenciar países endividados. Dessa forma, os setores das economias nacionais de países como Bolívia, Peru e Colômbia passaram a girar em torno do narcotráfico. (COGGIOLA, 2005).

Na Colômbia os traficantes compraram terras e substituíram culturas agrícolas, o que consistiu numa alternativa aos proprietários arruinados pela baixa do preço internacional do café. A coca substituiu então o café como fonte de lucros e de sobrevivência.

Algumas tentativas de auxílio financeiro foram realizadas a países como a Bolívia, mas o lucro do tráfico era tão convincente que tinha cada vez mais força e influência. (COGGIOLA, 2005).

Na Bolívia, durante o governo Hugo Banzer⁸, o endividamento externo teve uma grande expansão, quando o Estado contraiu grandes empréstimos e repassou os recursos a empresas privadas bolivianas, às quais os líderes militares narcotraficantes estavam associados. Parte da dívida externa boliviana se deve à atuação dos regimes militares e sua aliança com o narcotráfico. O poder das drogas criou uma economia e um Estado paralelos, enquanto destruía as atividades convencionais. Na maioria das ditaduras havia relação direta entre endividamento e corrupção. No Zaire, durante a ditadura de Mobutu, comentava-se em Bruxelas que a fortuna pessoal do ditador se aproximava dos US\$ 5 bilhões de sua dívida externa. Sudão, Costa do Marfim e vários outros países apresentavam comportamento semelhante. (COGGIOLA, 2005).

No final dos anos 1970, relata o autor supracitado, ao contrário dos demais países, da renda que a Colômbia possuía, metade era advinda do narcotráfico.

Coggiola (2005,) afirma em relação a Colômbia, que:

⁸ 1971-1978.

Em 1982 sua dívida externa chegava a US\$ 10 bilhões, enquanto suas reservas eram de US\$ 4,5 bilhões. Nesse momento, em que o governo declarou que nada podia fazer para combater o narcotráfico, propôs colocar esse dinheiro na causa pública ao encorajar a entrada de empréstimos de recursos externos dessa origem oferecendo garantias. Através da chamada Ventanilla Siniestra do Banco da República, os dólares eram trocados por pesos, possibilitando que o dinheiro do narcotráfico ampliasse a atividade econômica.

Essa, que era uma espécie de “lavagem de dinheiro⁹”, fortaleceu o poder dos traficantes. Essa atividade teve sua expansão na Colômbia, com a união de grandes traficantes e dessa forma, o país continuou pagando sua dívida por meio da lavagem de dinheiro, o que não preocupava os banqueiros, já que para eles o que interessava não era a procedência do dinheiro, mas sim o pagamento. (COGGIOLA, 2005).

Portanto, evidencia-se que a crise econômica e a dificuldade financeira dos países da América Latina abalaram sua economia, fazendo com que alguns indivíduos vissem no plantio da coca uma alternativa de sobrevivência.

Portanto, percebe-se que no decorrer do tempo o tráfico de drogas transformou-se em um grande negócio. De atividade local, passou à internacional, quebrando várias fronteiras, fazendo com que a cocaína produzida na Colômbia chegasse a qualquer lugar do mundo.

Mesmo que no futuro drogas químicas substituam a de origem natural, as redes com base na Colômbia dispõem do sistema devidamente estabelecido para continuar predominando no mercado, inclusive nas áreas de P&D que financiam para criar novas tecnologias de transporte e *design* de produtos. (CASTELLS 1999, p.232).

No entanto, assim como uma empresa, este êxito na atividade é decorrente de uma boa administração de investimentos, de inovação na busca pelo desenvolvimento e da constante procura pelo mercado consumidor.

No próximo capítulo será estudado o crime organizado em torno do narcotráfico e sua forma de estruturação, a fim de se analisar os fatores que contribuíram para a expansão desta atividade e posteriormente, analisar qual sua relação ou semelhança com a organização estrutural de uma empresa capitalista.

⁹ A questão da lavagem de dinheiro será discutida no próximo capítulo.

CAPITULO II

O CRIME ORGANIZADO E SUA ESTRUTURA

A grande expansão do tráfico de drogas no Brasil e no mundo vista no capítulo anterior se deve a uma capacidade de organização, investimentos, inovações e na busca pelo mercado consumidor por parte dos traficantes e dos demais indivíduos envolvidos nesta atividade.

Dessa forma, imagina-se que para o êxito desta tarefa, é preciso desenvolver uma estrutura organizacional a fim de delegar funções e atingir os objetivos almejados.

Sendo assim, este capítulo, por meio de um embasamento bibliográfico, visa demonstrar a estrutura do crime organizado, observando como ocorre a divisão das funções e de que forma é possível atingir as metas do tráfico de drogas por meio desta organização.

2.1 Conceitos de crime organizado

O conceito de crime organizado no Brasil ainda não possui uma definição específica.

No entanto, a Lei 9.034/1995 dispõe sobre a utilização de meios operacionais para a prevenção e repressão de ações praticadas por organizações criminosas.

Este dispositivo, porém, não definiu o termo “organização criminosa”, mas apenas caracterizou os grupos de crimes que são combatidos pelos órgãos competentes.

No tocante a esta lei, vale destacar os seguintes artigos:

Art. 1º Esta Lei define e regula meios de prova e procedimentos investigatórios que versem sobre ilícitos decorrentes de ações praticadas por quadrilha ou bando ou organizações ou associações criminosas de qualquer tipo.
(...)

Portanto, apesar de não haver uma definição específica, há dispositivos no ordenamento jurídico brasileiro (Lei 9.034/95 e o Código Penal subsidiariamente¹⁰) que regulamentam a ilicitude e a punição das atividades das organizações criminosas. (VELLOSO, 2011).

Conforme Oliveira (2004) os atores estatais envolvidos no combate à criminalidade possuem uma definição popular de crime organizado:

Os atores estatais envolvidos no combate à criminalidade definem como crime organizado qualquer bando ou quadrilha que tem uma ação criminal eficaz. Caso ocorra um assalto a banco e o lucro dos assaltantes seja considerado alto, as manchetes dos jornais dirão que foi uma ação do crime organizado. (OLIVEIRA, 2004).

O autor destaca que é imprescindível uma definição específica para o crime organizado, pois no Brasil, os órgãos do Sistema Judiciário não sabem onde combater o crime organizado, já que não há como enquadrar juridicamente os atos decorrentes desta atividade.

No entanto, a construção de um conceito sobre crime organizado é extremamente complexa, pois envolve aspectos econômicos e institucionais.

Oliveira (2004) relata que os especialistas do Fundo Nacional Suíço de Pesquisa Científica afirmam que:

Existe crime organizado, especificamente o transnacional, quando uma organização tem o seu funcionamento semelhante ao de uma empresa capitalista, pratica uma divisão muito aprofundada de tarefas, busca interações com os atores do Estado, dispõe de estruturas hermeticamente fechadas, concebidas de maneira metódica e duradoura, e procura obter lucros elevados. (OLIVEIRA, 2004).

Para as Nações Unidas, porém, as organizações criminosas são as que possuem vínculos hierárquicos, usando de violência e corrupção, além de fazer uso da lavagem de dinheiro. (OLIVEIRA, 2004).

O autor ainda traz outro conceito definido pelo FBI:

O Federal Bureau of Investigations (FBI) define crime organizado como qualquer grupo que tenha uma estrutura formalizada cujo objetivo seja a busca de lucros

¹⁰ Art. 11 Aplicam-se, no que não forem incompatíveis, subsidiariamente, as disposições do Código de Processo Penal.

através de atividades ilegais. Esses grupos usam da violência e da corrupção de agentes públicos.

Amorim (2010), por sua vez, considera o crime organizado como um conglomerado de “negócios criminosos” que gere o mercado ilegal em escala global, delegando tarefas ao que ele chama de submundo.

Por fim, Oliveira¹¹ (2004) entende que o crime organizado caracteriza-se por ser um grupo de indivíduos que tem suas atividades ilícitas sustentadas por atores estatais, por intermédio de propinas e atos de cooperação, e com funções estabelecidas hierarquicamente, onde os criminosos atuam no mercado financeiro, e por meio da lavagem de dinheiro usufruem do lucro de suas atividades.

Um aspecto a considerar é que o crime organizado global parece ser uma novidade histórica:

A prática do crime é tão antiga quanto a própria humanidade. Mas o crime global, a formação de redes entre poderosas organizações criminosas e seus associados, com atividades compartilhadas em todo o planeta, constitui um novo fenômeno que afeta profundamente a economia no âmbito internacional e nacional, a política, a segurança e, em última análise, as sociedades em geral. (CASTELLS, 1999, p.203).

Popularmente, crime significa toda ação cometida com dolo, ou culpa, sendo uma atitude que contradiz os costumes, a moralidade e a lei. A criminalidade organizada, por sua vez, surge por meio das condições oferecidas pela sociedade, como por exemplo os avanços tecnológicos e a globalização. (VELLOSO, 2011).

Para Velloso (2011), o surgimento do crime organizado remonta aos tempos de Jesus Cristo e de lendas como Robin Hood, que por meio de seu bando “furtava dos ricos para dar aos pobres”.

Entretanto, a criminalidade assumiu novos parâmetros, e consiste num dos grandes problemas a serem combatidos, e muitas vezes sem sucesso, pois os

¹¹ Oliveira (2004) ressalta em seu trabalho que por meio das características do crime organizado, é possível defini-lo, sendo que em sua opinião, “crime organizado caracteriza-se por ser um grupo de indivíduos que tem as suas atividades ilícitas sustentadas por atores estatais (por meio do oferecimento de benesses ou atos de cooperação), onde os sujeitos criminais desenvolvem ações que exigem a presença do mercado financeiro, para que isso possibilite, às vezes, a lavagem de dinheiro, e conseqüentemente, a lucratividade do crime. Por fim, são grupos que relativamente atuam por um considerável período de tempo, tendo as suas funções estabelecidas, com hierarquia, para cada membro.” (OLIVEIRA, Adriano. **Crime organizado: é possível definir?** Revista Espaço Acadêmico. N.34. Março/2004. ISSN 1519.6186. Disponível em:< <http://www.espacoacademico.com.br/034/34coliveira.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2011.).

criminosos com o pagamento de propinas aos membros dos órgãos repressivos conseguem determinadas vantagens pessoais. (VELLOSO, 2011).

O autor ainda relata a história de Lampião e seu bando de cangaceiros, os denominados bandidos do sertão nordestino, que nos anos 30 do século passado andavam fortemente armados.

Nessa perspectiva, assevera Velloso (2011) que o crime organizado está baseado em diversos elementos, como uma estrutura empresarial, isto é, possui planejamento empresarial, hierarquia, poder econômico-financeiro, poder de representação, fachada legal, demanda de mercado, uso de meios tecnológicos, corrupção e alto poder de intimidação, buscando expandir sua forma de atuação para todo o território nacional e internacional, onde as leis penais brasileiras não podem surtir efeito.

Partindo desse pressuposto, é possível analisar que o crime organizado é uma atividade complexa, e assim como numa empresa, possui diversos elementos que compõem sua estrutura.

O autor cita as mais conhecidas organizações criminosas do Brasil:

As mais conhecidas organizações pré-mafiosas do Brasil são: os bicheiros, atuando nas grandes cidades com possíveis envolvimento em bingos, cassinos, lenocínio, narcotráfico, lavagem de dinheiro e jogos ilegais; o Comando Vermelho (C.V.), com seu poder de atuação concentrado no Estado do Rio de Janeiro, destacando-se pelo tráfico de armas, roubos, narcotráfico, entre outros; o Primeiro Comando da Capital (PCC), que é formado por todos os tipos de criminosos, com atuação vasta, que vai desde a proteção, até a assassinatos encomendados, seqüestros, roubos, etc. (VELLOSO, 2011).

Enfim, Oliveira (2004) afirmou que os atores estatais definem o crime organizado como bando ou quadrilha¹² com uma ação criminal eficaz, desde que resultem em grandes somas envolvidas. Enquanto que os especialistas do Fundo Nacional Suíço já o caracterizam como tendo funcionamento similar ao de uma empresa, ou seja, não basta uma ação criminosa envolvendo grandes quantias, mas é necessária uma estrutura organizada. Para as Nações Unidas, para o surgimento de uma organização criminosa, há necessidade de vínculos hierárquicos, o que também se evidencia nas estruturas empresariais, mas também ressalta

¹² De acordo com o Código Penal Brasileiro, Lei 2848/40, define-se quadrilha ou bando no art. 288: "Art. 288 - Associarem-se mais de três pessoas, em quadrilha ou bando, para o fim de cometer crimes: (...)".

caracteristicamente o uso da violência, corrupção e lavagem de dinheiro, evidenciando seu caráter ilegal, semelhante à afirmação de Amorim (2010) quando destaca o crime organizado como um conglomerado de negócios criminosos, mas em escala global. Já Oliveira (2004) acrescenta que o crime organizado tem a característica de ser sustentada por atores estatais por meio de propinas, além de funções estabelecidas hierarquicamente, concordando com o conceito advindo das Nações Unidas e ratificando a ideia de atuação no mercado econômico por meio da lavagem de dinheiro.

Daqui para frente, portanto, quando usarmos a expressão “crime organizado” estaremos nos referindo a ideia de uma organização de indivíduos (bando ou quadrilha) unidos com um mesmo fim, com caráter ilícito, que agem criminosamente a fim de auferir grandes lucros e com estrutura similar a de uma empresa lícita, como a existência de vínculos hierárquicos.

2.2 A estrutura do crime organizado

Partindo do princípio de que o crime organizado se assemelha às empresas legais, tem-se, portanto, que compreender de que forma ocorre esta organização, como são feitas as divisões de tarefas e como são gerenciados os recursos humanos.

A Academia Nacional de Polícia Federal do Brasil cita algumas características do crime organizado, como: planejamento empresarial, diversificação de área de atuação, estabilidade dos seus integrantes, códigos de honra, controle territorial e fins lucrativos¹³.

Mingardin *apud* Oliveira (2004) também aponta características do crime organizado: práticas de atividades ilícitas, atividade clandestina, hierarquia organizacional, previsão de lucros, divisão do trabalho, uso da violência, mercadorias ilícitas, relações clientelistas, presença da lei do silêncio e controle territorial.

¹³ OLIVEIRA, Adriano.

Oliveira (2004) estabelece um quadro sobre as dimensões do crime organizado, por meio do qual é possível compreender como se organiza a atividade de tráfico de drogas:

Características das dimensões das organizações criminosas¹⁴

<u>Características</u>	<u>Dimensão Macro</u>	<u>Dimensão Meso</u>	<u>Dimensão Micro</u>
Território	Relações com diversos países. Poder global.	Relações em um mesmo país e com muitas áreas em uma mesma região. Podem ocorrer relações com outros países, mas não na envergadura da dimensão <i>macro</i> .	Relações escassas. E quando ocorre, se dar numa mesma região.
Atividades da economia/Poder econômico	Lavagem de dinheiro envolvendo grandes somas de capital e empresas com sedes em várias localidades do mundo. Geralmente, o dinheiro é escondido em paraísos fiscais.	Lavagem de dinheiro no âmbito nacional e até no internacional. Caso ocorra o processo de internacionalização financeira, este não é tão acentuado como na dimensão macro.	Não existe o processo de lavagem de dinheiro. O lucro obtido só serve para comprar mais drogas.
Poder institucional	Associação com atores institucionais relevantes. Contam com o apoio destes nos mais diversos países.	Associação com atores institucionais nacionais e internacionais. No caso internacional, são atores institucionais de pouca expressão.	Geralmente contam com o apoio de algum político da localidade. Como prefeito, vereador ou líder comunitário.
PODER DE AÇÃO	Desenvolve as suas atividades nos mais diferentes países. Não possui controle de áreas específicas. Podem estar associados a grupos terroristas. Ou estarem praticando atos terroristas.	Atua em nível nacional, e, às vezes, internacionalmente. Exerce controle sobre áreas. A organização criminosa pode estar associada a grupos terroristas; ou estarem praticando atos terroristas.	Exerce controle apenas da sua boca de fumo.

¹⁴ Fonte: OLIVEIRA, Adriano.

Mingardin *apud* Oliveira (2004) ainda destaca a presença da violência dentro do crime organizado. E Castells (1999) destaca que a violência por meio de intimidação, tortura, sequestro, assassinatos, dentre outras formas, também fazem parte do cotidiano destas organizações:

Porém, mais importante é o “aparato de segurança” mantido pelo crime organizado, a rede de agentes responsáveis pela garantia do cumprimento das leis, juízes e políticos, todos devidamente incluídos na folha de pagamento da organização. (CASTELLS, 1999, p.216-217).

No entanto, estes indivíduos, uma vez dentro das organizações, delas não podem mais se retirar porque as organizações criminosas desenvolveram métodos de punição que inclusive estão anulando as estratégias criadas pelas autoridades para combatê-las:

(...) Embora as táticas de denúncias de envolvidos em troca de reduções de pena ou dispensa de seu cumprimento e esquemas de proteção às testemunhas tenham contribuído para reprimir o crime organizado, sobretudo nos Estados Unidos e Itália, a capacidade cada vez maior de os líderes criminosos encontrarem lugares seguros, aliada à mobilidade global dos assassinos de aluguel, vêm limitando consideravelmente a eficiência dos métodos tradicionais de repressão dos Estados Unidos dos anos 50 e da Itália dos anos 80. (CASTELLS, 1999, p.217).

A necessidade de fugir da repressão das forças policiais contribuiu para o surgimento de alianças estratégicas entre redes criminosas, que se constituem num fator essencial nessa forma de operações.

(...) Por si só, nenhuma organização é capaz de se integrar por completo em todo o planeta. Além disso, ela não pode ampliar seu raio de ação internacional sem invadir o território tradicionalmente controlado por outra força criminosa. É por isso que, sob a lógica estritamente empresarial, as organizações criminosas estabelecem uma relação de respeito mútuo e encontram pontos de convergência que ultrapassam fronteiras e grupos nacionais. (CASTELLS, 1999, p.217).

Segundo o autor, é por isso que a maioria dos assassinatos ocorre de forma intranacional, com russos matando russos e sicilianos matando sicilianos, pois que isto é uma forma de controle de base local/nacional, de onde podem administrar seus negócios com conforto.

Outra questão a ser destacada é o fato de que as ações do crime organizado fazem parte do sistema capitalista, pois que consistem em negócios lucrativos que empregam, usam equipamentos (na produção ou proteção, como armamentos),

materiais e produtos químicos, movimentando, por sua vez, diversos setores, além de se relacionar com o governo na aplicação de lucros em bancos e diversos negócios. Sendo que é justamente por ser parte deste sistema, misturado com outros setores, que o combate se torna ainda mais difícil, pois se afetariam todas as organizações, empresas e pessoas envolvidas, com as quais o crime organizado está conectado.

Estaremos demonstrando no próximo tópico as etapas do crime organizado que também permitem uma comparação com a estrutura empresarial.

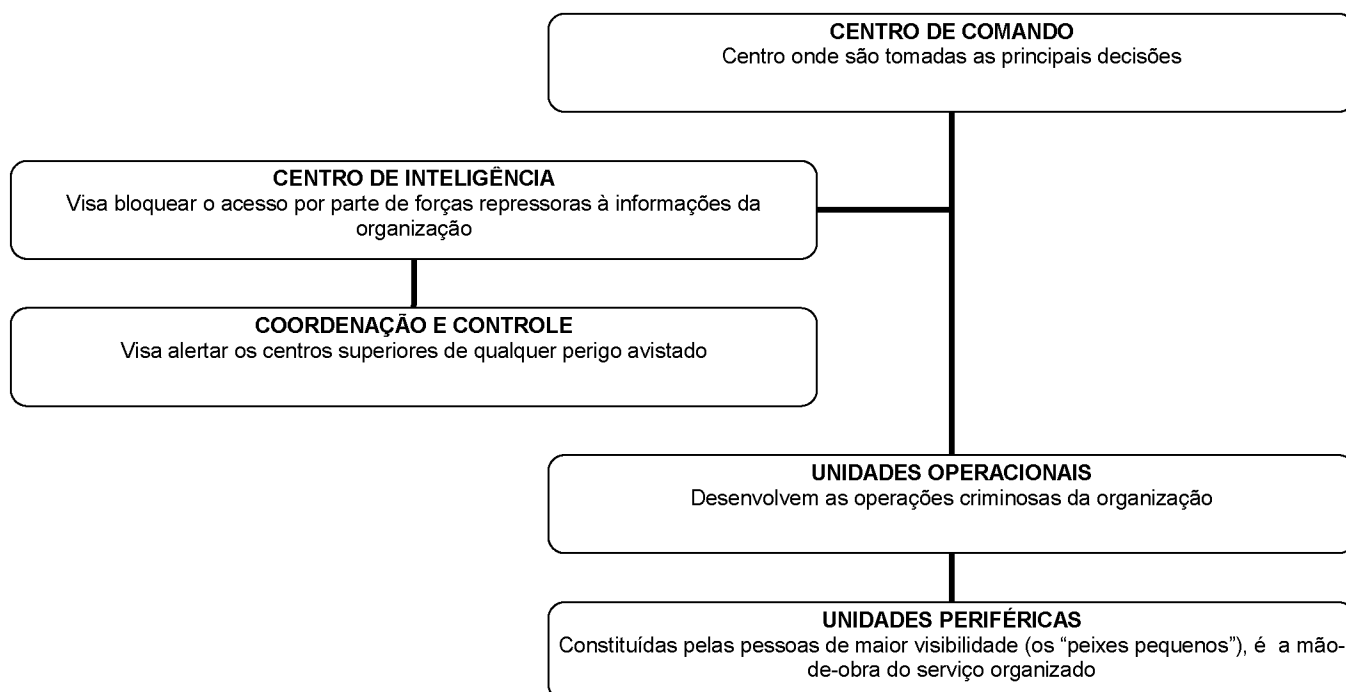
2.3 As etapas do crime organizado

Oliveira Filho (2002) atenta para o sucesso das ações desencadeadas pelas organizações criminosas, que se deve, principalmente à estrutura adotada pelo crime organizado.

Afirma o autor que há uma estrutura para que o crime funcione de modo satisfatório.

Esta estrutura é apresentada em cinco níveis hierárquicos:

ORGANOGRAMA DE UMA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA¹⁵



O **centro de comando** se compõe, geralmente, de um único membro ou de um número reduzido de indivíduos, sendo que o modelo varia conforme o tipo de atividade ilícita produzida. É nesse Centro que são tomadas as decisões principais da organização, como as diretrizes de comando, ordens de execução, *modus operandi*, dentre outros aspectos. (OLIVEIRA FILHO, 2002).

O **centro de inteligência**, conforme Oliveira Filho (2002) possui maior número de participantes que o centro de comando, mas mesmo assim esse número é limitado. Esta etapa tem o objetivo de facilitar a tomada de decisões, evitando que sejam colhidas informações estratégicas pelas organizações policiais, bloqueando o acesso a estas informações.

Oliveira Filho (2002) afirma que a **coordenação e controle**, é o elo entre o centro de comando e o centro de inteligência, aglutinando vários participantes que exercem a tarefa de executar as atividades criminosas, exigindo menos qualificação

¹⁵ Fonte: OLIVEIRA FILHO, Edemundo Dias. **O vácuo do poder e o crime organizado**: Brasil, início do século XXI. Goiânia: AB Editora, 2002.

intelectual. Estes indivíduos têm a incumbência de alertar os centros superiores de qualquer perigo avistado para que a organização tenha tempo de criar seu sistema de defesa.

As **unidades operacionais** servem para desenvolver as operações criminosas da organização. É o setor onde trabalham os “testas de ferro” ou “laranjas”, que são os indivíduos expostos à atuação e observação dos órgãos do sistema de justiça criminal. (OLIVEIRA FILHO, 2002).

Ainda segundo o mesmo autor, as **unidades periféricas** são compostas por pessoas de maior visibilidade, e concentram a maior parcela de mão-de-obra para o serviço do crime organizado.

As unidades operacionais e periféricas são formadas por pessoas de baixa capacitação técnica para a realização de operações fraudulentas. Nessas unidades estão os denominados “peixes pequenos”, que são aqueles divulgados na imprensa, acobertando a alta criminalidade que domina o setor de inteligência e financia as operações e que ao contrário dos “peixes pequenos” ficam fora do alcance dos órgãos repressivos do estado.

Os centros de comando e inteligência atuam de forma mais discreta e cautelosa, “procurando dar uma fachada de legalidade aos seus “negócios”, desenvolvem atividades empresarias lícitas, sob o manto de uma legalidade, como numa espessa cortina de fumaça”. (Oliveira Filho, 2002, p.104).

O autor explica que da mesma forma como há uma ética social que norteia a conduta administrativa do Poder Público, há também uma moral interna que embasa a estrutura hierárquica das organizações criminosas.

Como Oliveira Filho (2002) demonstrou por meio das etapas estruturais do crime organizado, há setores em que o nível de conhecimento intelectual é desnecessário, bastando aptidão e a concretização da atividade. Mas, porém, há no centro de comando a necessidade de tomadas de decisões que exigem maior conhecimento da organização; assim como no centro de inteligência, como o próprio nome sugere, é essencial a obtenção de informações estratégicas a fim de que a atividade possa progredir sem falhar, o que já exige maior conhecimento. Isto não significa que o tráfico de drogas, por exemplo, exija uma formação superior, mas não deixa de exigir certa “especialização” na função específica.

Dessa forma, Oliveira Filho (2002) demonstra a nítida semelhança entre o funcionamento de uma organização criminosa e a estrutura empresarial no que diz

respeito à divisão de tarefas e funções, níveis distintos de especialização e ações estratégicas objetivando lucro e satisfação de clientes.

2.4 Como ocorre a lavagem de dinheiro

Como se observou anteriormente, o crime organizado está relacionado com a lavagem de dinheiro, pois para que os traficantes e demais indivíduos participantes desta atividade possam usufruir livremente de seus lucros, é fundamental que estas somas de dinheiro sejam “lavadas” e inseridas no mercado de forma lícita.

Como explica o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF, 2001) “a lavagem de dinheiro é o processo pelo qual o criminoso transforma recursos oriundos de atividades ilegais em ativos com origem aparentemente legal”

De acordo com Castells (1999), um sistema criminoso só faz sentido se os lucros puderem ser ampliados e reinvestidos na economia legal. Dessa forma, a lavagem de dinheiro é um aspecto fundamental, um componente imprescindível do narcotráfico.

A prática da lavagem envolve múltiplas transações para ocultar a origem dos ativos financeiros, permitindo que eles sejam utilizados sem comprometer os criminosos. “A dissimulação é, portanto, a base para toda operação de lavagem que envolva dinheiro proveniente de um crime antecedente.” (COAF, 2001, p.02).

Segundo Castells (1999) o processo de lavagem passa pelas seguintes fases:

1) inserção do dinheiro “sujo” no mercado financeiro via banco ou outra instituição financeira (exemplos dos bancos de Panamá, Aruba, Ilhas Cayman, Bahamas, etc.), geralmente onde não há controle; 2) acomodação, ou *layering*, para eliminar vestígios da relação entre os recursos e sua fonte de origem, para que estes vestígios não sejam identificados em auditorias futuras ; 3) integração, que é a introdução de capital “lavado” na economia legal em forma de imóveis, ações, hotéis, dentre outros investimentos. Após a integração, os lucros das atividades criminosas fazem parte da economia global. (CASTELLS, 1999).

A lavagem de dinheiro é, portanto, um problema mundial que envolve transações internacionais.

Dado o caráter transnacional das operações, o recente aumento da cooperação internacional é auspicioso e o Brasil está presente nesse cenário de forma ativa, nos principais grupos internacionais que atuam no combate à lavagem de dinheiro. (COAF, 2001, p.02).

Busca-se a cooperação e um trabalho articulado que coíba o movimento de recursos criminosos, inviabilizando as organizações criminosas.

O Conselho relata acerca do Grupo de Egmont¹⁶, que consiste num grupo internacional informal, criado a fim de promover em âmbito mundial, entre as Unidades de Inteligência Financeira (FIUs), a troca de informações, o recebimento e o tratamento de comunicações suspeitas em alusão à lavagem de dinheiro.

Dessa forma, a função de uma FIU é muito importante no combate à lavagem de dinheiro, como se observa:

A principal função de uma FIU é estabelecer um mecanismo de prevenção e controle do delito de lavagem de dinheiro por meio da proteção dos setores financeiros e comerciais passíveis de serem utilizados em manobras ilegais. Essas unidades podem ser de natureza judicial, policial, mista (judicial/policial) ou administrativa. O Brasil optou pelo modelo administrativo. Atualmente o Grupo de Egmont congrega 58 FIUs. O COAF passou a integrar esse Grupo na VII Reunião Plenária, ocorrida em Bratislava, República da Eslováquia, em maio de 1999. (COAF, 2001, p.03).

Frente às dificuldades, portanto, de se combater o tráfico de drogas, e a escassez de legislação, encontram-se mecanismos de prevenção que por meio de suas atividades ainda tentam coibir a lavagem de dinheiro.

Porém, ao mesmo tempo em que se procura combater a lavagem de dinheiro, as organizações criminosas continuam desenvolvendo suas atividades em busca dos seus altos lucros.

Levando em consideração a abordagem realizada, foi possível observar como o crime organizado transforma os lucros ilegais obtidos com tráfico de drogas em dinheiro “limpo”, primeiramente inserindo o dinheiro “sujo” no mercado financeiro,

¹⁶ Segundo definição do Grupo de Egmont, Unidade de Inteligência Financeira (FIU – Financial Intelligence Unit) é a “agência nacional, central, responsável por receber (e requerer), analisar e distribuir às autoridades competentes as denúncias sobre as informações financeiras com respeito a procedimentos presumidamente criminosos conforme legislação ou normas nacionais para impedir a lavagem de dinheiro”. (COAF, 2001, p.02).

depois eliminando vestígios deste dinheiro e sua origem, para enfim, introduzir o capital lavado na economia legal, ou seja, em negócios lícitos.

Portanto, neste capítulo, foi analisada a estrutura do crime organizado, demonstrando-se a dificuldade em estabelecer um conceito único para este termo.

Demonstrou-se que o crime organizado possui muitas características, que se assemelham, inclusive, a estrutura de uma empresa moderna. Ademais, foram salientadas as etapas do crime organizado e como elas contribuem com o andamento das atividades.

Como foi possível observar certa semelhança com a estrutura empresarial, pretende-se no próximo capítulo realizar uma comparação entre a estrutura do crime organizado e a estrutura empresarial lícita.

CAPÍTULO III

COMPARAÇÃO ENTRE O CRIME ORGANIZADO E A ESTRUTURA EMPRESARIAL

Como temos tentado demonstrar, a economia do crime ampliou seu campo de atuação de forma extraordinária, tornando-se um ramo de atividade global diversificado e interligado. No organograma apresentado na seção 2.3, vimos que, do mesmo modo que as empresas legais, a organização criminosa é formada por seções ou departamentos, com funções específicas.

Por sua vez, as grandes empresas modernas, também estão sempre em busca de aprimoramentos para suas atividades para que se mantenham competitivas no mercado. Como parte da economia global (CASTELLS, 1999) as organizações empresariais criminosas também precisam inovar na forma de gerir seu pessoal.

Partindo deste princípio, busca-se neste capítulo analisar ambas as estruturas organizacionais, a criminosa e a legal, fazendo uma comparação entre elas e descobrindo semelhanças que contribuem no desenvolvimento de suas atividades.

3.1 Estrutura do tráfico de drogas versus a estrutura empresarial moderna

Atualmente notam-se grandes empresas atingindo os mais variados mercados consumidores. Percebe-se na sociedade desde pequenas empresas que buscam suprir as necessidades mais fundamentais dos indivíduos, como a empreendimentos gigantes que visam atrair com as mais distintas e complexas ofertas de produtos, dos mais diferentes modelos.

No entanto, este desenvolvimento que envolve concorrência, busca de produtos de qualidade, investimento em *marketing*, dentre outras, é resultante do processo de globalização.

Mas, porém, o mundo atual já passou por muitas modificações, e isto envolve o desenvolvimento das empresas, decorrente da importante Revolução Industrial que aos poucos foi atingindo vários países.

Até o século XVIII as empresas tiveram um desenvolvimento paulatino. Com a invenção da máquina a vapor de James Watt começou-se uma evolução com um desenvolvimento mais significativo, como alterações nos modos de produção, com reflexos de ordem econômica, política e social. Dessa forma, surge o período que se denominou Revolução Industrial. (SCAVRON, 2008).

Esta revolução foi apenas um passo para se chegar ao estado das empresas modernas.

Analisando a história e as modificações decorrentes de ideologias de engenheiros, economistas e estudiosos que buscavam aperfeiçoar suas organizações, percebe-se que assim como a globalização, as indústrias vêm sofrendo alterações que visam atender melhor as exigências dos consumidores, sejam indivíduos ou empresas.

Dreifuss (2004) estuda as transformações da empresa moderna, baseado em matrizes do século XXI. Conforme o autor, as empresas modificaram suas estruturas ao longo dos últimos anos.

O modelo da empresa tradicional possuía um quadro administrativo baseado na família, e sua estrutura operacional era local. Administrava-se na própria família e o mercado não exigia tanto conhecimento, já que era pequeno e regional. (DREIFUSS, 2004)

A atividade do narcotráfico, ora com bases mais concretas na Colômbia e pequenas regiões onde se visava o plantio da coca, aos poucos se expandiu e deixou este quadro “familiar” ou regional, distribuindo tarefas e delegando funções para outros países tão importantes quanto os produtores, pois que muitas vezes consistiam (e consistem) nas principais rotas do tráfico.

Atualmente, na empresa moderna, a estrutura é dinâmica e as grandes empresas contam com funcionários de alta capacitação, exigindo constante aperfeiçoamento profissional, pessoal qualificado para gerenciar setores, em funções específicas. (DREIFUSS, 2004).

Coggiola (2005) demonstra que a prática de atividades ilícitas relacionadas ao tráfico de drogas, especificamente na Colômbia, iniciou em pequenas propriedades, outrora servidas para a agricultura, mas que com a crise financeira foram compradas por narcotraficantes com o intuito do plantio da cocaína. E foi com o passar dos anos que estes “negócios” foram se expandindo e se tornando uma atividade de tamanha proporção.

À medida que o narcotráfico foi tomando grandes proporções, também foi necessária uma organização capaz de suprir as necessidades do negócio para que as drogas continuassem a ser distribuídas corretamente, para todos os clientes, independentemente da distância.

Sendo assim, o narcotráfico também sofreu influências da globalização, quando da necessidade de comunicação entre países e a utilização das tecnologias disponíveis.

Em tempos modernos o modelo de empresa passou a ser transnacional, tendo uma estrutura administrativa comandada por gestores.

Territórios de países não são mais respeitados, fazendo com que a estrutura operacional das fábricas procure locais onde os custos de produção sejam menores.

As empresas multinacionais, marcantes nas décadas de 60 e 80, movimentaram-se buscando diversos tipos de vantagens comparativas – matéria-prima abundante ou exclusiva, salários baixos, proximidade de mercado consumidor, subsídios, renúncias e incentivos fiscais, facilidades políticas diminuição ou ausência de restrições ambientais etc. (DREIFUSS, 2004, p.31).

Nota-se então que as empresas modernas também precisam transpor barreiras entre países, a fim de alcançar vantagens competitivas. É pesquisando e atuando no mercado que se obtém as informações necessárias para influenciar preços, compra, venda, distribuição, quantidade, dentre outros aspectos.

Tal característica também se observa no narcotráfico, pois que é preciso saber qual o tipo de droga a ser vendida para tal país, qual é perfil do consumidor, qual o preço de venda, como produzir, quais os lucros, etc.

Dessa forma a distância entre países fica cada vez menor e grandes conglomerados empresariais se formam trabalhando em redes, possuindo muitas vezes poder econômico e político maior do que nações.

Em alusão à conquista de novos territórios por meio da prática mercantil, afirma Dreifuss:

A internacionalização das sociedades-nações em direção a uma “economia-mundo” – na expressão de Fernand Brudel – foi empurrada através da prática mercantil, e muitas vezes por meio da conquista territorial, formando os sistemas coloniais e imperiais que se consolidaram no século 19. (DREIFUSS, 2004, p.30).

Assim demonstra-se que as empresas foram expandindo seus negócios e buscando novos territórios e conquistando novos espaços.

Da mesma forma como ocorreu o desenvolvimento empresarial por todo o mundo, o narcotráfico também teve ao longo dos anos sua expansão na Colômbia, com a união de grandes traficantes atuando em vários países, com ênfase na América Latina. No México também era grande o envolvimento do narcotráfico na economia do país, passando a ter um cartel internacional de cocaína. (COGGIOLA, 2005).

De acordo com Castells (2000), a transformação tecnológica foi um fator significativo para as mudanças na economia e no sistema produtivo das empresas modernas. A questão da flexibilidade permitiu um maior acesso ao mercado, onde as novas tecnologias permitem a transformação das linhas de montagem típicas da grande empresa em unidades de produção de fácil programação que podem atender às variações do mercado (flexibilidade do produto) e das transformações tecnológicas (flexibilidade do processo).

No crime organizado, é preciso fazer uso desta flexibilidade frente às dificuldades em se manter no mercado, sem ser descoberto pelas policias. É preciso uma atuação dinâmica nos processo de lavagem de dinheiro, e a informação e relacionamento entre países é fundamental para o êxito da atividade.

O tráfico de drogas, porém, como já relatado, deve seu êxito à forma de sua estruturação, assim como ocorre nos crimes organizados.

Para obter sucesso e o alcance dos seus objetivos, é fundamental, portanto, a criação de uma estrutura organizacional que permita uma melhor administração de funções e tarefas com um objetivo comum.

De acordo com Oliveira Filho (2002) a estrutura do crime organizado se assemelha à estrutura empresarial legal.

Souza (2007) salienta que as organizações criminosas precisam dispor da capacidade de responder e se adaptar rapidamente às novas oportunidades, além de mudar constantemente de localização, táticas e meios.

Apesar da semelhança com a estrutura da empresa moderna legal, esta última não enfrenta a repressão do estado e isto é uma grande diferença entre os dois tipos de empresa. Por isso, além de se preocupar em manter os consumidores satisfeitos, conciliar oferta e demanda, lidar com a competitividade e administração de recursos financeiros e humanos, as organizações criminosas ainda precisam se preocupar com estratégias para não sofrerem os prejuízos provocados pela repressão estatal a suas atividades.

Silva (2011) relata que uma organização moderna precisa ter respostas rápidas e desejadas aos clientes, possuindo uma estrutura enxuta, sem muitos níveis hierárquicos, onde as decisões são tomadas por quem tem domínio das informações.

No crime organizado é necessária uma estrutura hierárquica, porém não muito grande, e geralmente sem muitos integrantes e a resposta deve ser a mais rápida possível, já que é preciso burlar as leis e evitar vestígios que permitam a identificação dos criminosos.

São também delegadas funções, estimulando os níveis inferiores, atribuindo-lhes responsabilidades, como demonstrado no capítulo anterior, no Organograma da Organização Criminosa.

No crime organizado são atribuídas responsabilidades conforme a capacidade dos indivíduos, mas suas tarefas não deixam de ser menos importantes apesar de, às vezes, menos complexas, já que, como visto nas Unidades Operacionais, a tarefa de observação dos órgãos do sistema de justiça criminal é essencial para a atividade do tráfico de drogas.

Quanto à profissionalização, é essencial que haja treinamento e aperfeiçoamento de recursos humanos, e estes aperfeiçoamentos devem ser contínuos, sendo o fator básico de sucesso de uma empresa. Por meio do treinamento, o funcionário age menos com a emoção e mais motivado pela razão, dando ao cliente o que ele realmente precisa. (SILVA, 2011).

No crime organizado há os indivíduos especializados, geralmente usados nos Centros de Inteligência e Comando, como afirma Oliveira Filho (2002), mas há também os que precisam fazer tarefas básicas, mas não menos perigosas, como levar drogas de um país para o outro (mulas), ou de avisar quando da chegada das forças policiais, dentre outras.

Estas pessoas, geralmente aprendem estas funções desde crianças, já que o êxito de toda a tarefa do tráfico depende da atitude certa de todos os participantes.

Silva (2011) também ressalta que em qualquer empresa moderna, é preciso comprometimento por parte de todos os envolvidos, que devem estar cientes dos objetivos da empresa.

Quanto ao crime organizado, este comprometimento também faz parte da atividade, pois como Castells (1999) afirma, a indústria é totalmente internacionalizada, com uma divisão bastante rigorosa do trabalho entre os diferentes locais do processo produtivo, sendo que muitas redes em diferentes regiões, são estabelecidas com base na confiança. Parte-se do princípio de que os envolvidos estão de fato comprometidos com o objetivo final do crime organizado.

Dreifuss (2004) afirmou que as empresas, por meio de vários estudiosos, como engenheiros, economistas e administradores, busca aperfeiçoar sua organização, pois que por meio da globalização é essencial tal aperfeiçoamento.

Com o crime organizado a necessidade de aperfeiçoamento também é evidente, como demonstram dados históricos. A exemplo da Colômbia, onde traficantes começaram a comprar terras, substituindo culturas agrícolas por plantações de coca. (COGGIOLA, 2005).

No organograma do capítulo anterior, também se fez referência ao conhecimento intelectual, como no centro de comando e no centro de inteligência.

Bérgamo Filho (2007) ressaltou a importância do foco no cliente, uma mudança que ocorreu nos últimos tempos e hoje é fundamental na empresa moderna, pois quando consegue atingir o cliente de forma satisfatória, o sucesso da atividade é nitidamente observado, pois o objetivo da empresa é permanecer no mercado, dependendo exclusivamente da satisfação do cliente.

Pela afirmação de Coggiola (2005), atualmente o maior mercado consumidor de cocaína é os EUA. Assim nota-se que no crime organizado, a exemplo do tráfico de drogas, o mercado consumidor são grandes países e regiões, o que denota maior importância na satisfação dos mesmos, até para garantir a exportação do produto, já que estes países consumidores representam grande parte da renda do narcotráfico.

Outra afirmação de Dreifuss (2004) acerca da empresa moderna é a questão da transnacionalidade hoje alcançada, com uma estrutura administrativa comandada por gestores, onde as empresas buscam locais onde custos de produção sejam menores.

Nota-se então, que para se adaptar às condições de imprevisibilidade introduzidas pela transformação econômica e tecnológica, a própria empresa teve de mudar seu modelo organizacional.

No caso do crime organizado também foi a organização em rede que concedeu aos grupos criminosos uma flexibilidade inédita, fundamental numa economia globalizada. De fato, um sem número de grupos criminosos locais e regionais em todos os países do mundo uniram-se em uma rede global e diversificada que ultrapassa fronteiras e estabelece vínculos de todos os tipos. (CASTELLS, 1999).

Assim, percebe-se que o crime organizado por meio da internacionalização, expandiu-se e transformou-se uma grande atividade e, assim como as empresas modernas, sua formação em redes possibilitou um maior alcance territorial, trazendo lucros e permanecendo ativo no mercado.

3.2 A internacionalização das organizações empresariais criminosas e legais no contexto da sociedade em rede

Toda empresa está ciente de que para permanecer no mercado, além de investir em produtos de qualidade, precisa manter contactos e intercâmbios com outras empresas, para vender seus produtos, para obter matérias-primas, equipamentos, energias e vários tipos de serviços. Diante desta realidade, o que temos então não é uma empresa isolada e sim uma rede de empresas. Se considerarmos que estas empresas trocam permanentemente informações entre si, chegamos então a uma economia informacional.

Quanto ao crime organizado, Castells (1999) também ressaltou a questão da conexão entre organizações de vários países com um mesmo fim. Afirma o autor que em muitos países, redes de quadrilhas se conectam a outras redes mais amplas, dominando as regiões. Frisou também a questão do crescimento da indústria do tráfico a partir da década de 70, transformando a economia e a política da América Latina, fazendo com que as grandes redes se desenvolvessem de forma

a atender o grande mercado consumidor, melhorando o plantio da coca, seu processamento e a exportação.

(...) *A formação de redes é o seu **modus operandi***, tanto internamente, isto é, em cada uma das organizações criminosas (por exemplo, a máfia siciliana, o cartel de Cali), como em relação a outras organizações criminosas. As redes de distribuição operam com base em quadrilhas autônomas locais, para as quais fornecem mercadorias e serviços e de quem recebem dinheiro. Cada organização criminosa tem os próprios meios de garantir o cumprimento dos acordos. (CASTELLS, 1999, p.216).

O que se percebe também é que as empresas modernas de alta tecnologia envolvem-se cada vez mais em alianças, o que não impede o crescimento da concorrência, pois as alianças estratégicas são instrumentos decisivos nessa concorrência. Ademais, os parceiros de hoje podem transformar-se em concorrentes no futuro.

“Em resumo, a grande empresa nessa economia não é – e não mais será – autônoma e auto-suficiente.” (CASTELLS, 2000, p.220).

Ainda nesse sentido, Dreifuss (2004) destaca que as empresas modernas caracterizam-se por um sistema de interação, por meio de fusões e alianças, num processo de internacionalização, buscando novos produtos, novas tecnologias e mais espaço num mercado cada vez mais competitivo, assemelhando-se a “empresa” do narcotráfico que quebra cada vez mais fronteiras, busca cada vez mais tecnologias, diversificando, por exemplo, os meios de transporte, já que precisam de alternativas para burlar a legalidade.

(...) É essa combinação entre flexibilidade na formação de redes entre grupos locais, fundados na tradição e na identidade em um ambiente institucional favorável, e o poder de ação global proporcionado por alianças estratégicas que explica a força organizacional do crime global. (CASTELLS, 1999, p.217).

Dessa forma, esta combinação transforma o crime global em um agente essencial na economia e sociedade da Era da informação.

Castells (1999) demonstrou que quanto aos cartéis, iniciaram-se como uma rede coordenada de produtores de pequeno porte sob controle dos líderes dos cartéis por meio do uso de violência, fornecimento de dinheiro e infraestrutura de distribuição.

Assim, foram se internacionalizando, concentrando suas atividades em exportações para os Estados Unidos, depois para a Europa e enfim, para o mundo

todo. Frente a uma política de exportação, era preciso uma efetiva capacidade de competir no ambiente de alta tecnologia existente na economia global e por isso se estabeleceram conexões com organizações criminosas nacionais e locais nos Estados Unidos e Europa para a distribuição da mercadoria, constituindo um vasto império financeiro, com grandes operações de lavagem de dinheiro.

Em alusão às empresas modernas, Castells (2000) salienta o modelo que diz respeito às relações entre a empresa principal e a rede de fornecedores, onde a maior parte é controlada pelos empreendimentos financeiros, comerciais ou tecnológicos da matriz.

Dessa forma, a formação de redes possibilita o aumento da responsabilidade, mas com certa autonomia fundamental para o desenvolvimento de ambas as atividades, o que contribui para a permanência das empresas em constante concorrência, com serviços bem qualificados.

De acordo com o autor, as pequenas ou médias empresas ficam, muitas vezes, sob o domínio de empresas de grande porte, mas também, tomam a iniciativa de estabelecer relações em redes com várias empresas grandes ou com outras, sejam médias ou pequenas, vislumbrando nichos de mercado e empreendimentos cooperativos.

No crime organizado, o estabelecimento de relações entre as redes de quadrilhas, por exemplo, é essencial para que se mantenha o fluxo das atividades, bem como um controle das mesmas.

Da mesma forma que se evidenciou o domínio dos líderes do narcotráfico frente às atividades criminosas, também se evidenciou a necessidade de delegações e distribuições de funções, descentralizando as atividades e deixando muitas questões a cargo de outras regiões, ou para produzir, ou para fornecer, ou para exportar, ou para contribuir por meio das “mulas” no transporte das drogas.

Conforme Castells (2000), essas redes facilitam o serviço das grandes empresas e contribuem para o aumento de empregos.

No narcotráfico, a criação de redes também contribui para assegurar a renda de muitas famílias que vêem no tráfico de drogas uma alternativa para a pobreza e para o desemprego.

Nos últimos anos, Castells (2000) demonstra que houve crise da grande empresa e a flexibilidade das pequenas e médias empresas como agentes inovadores e fontes de criação de empregos.

Alguns observadores afirmam que a crise da empresa de grande porte é consequência da crise da produção padronizada em massa, bem como do renascimento da produção artesanal personalizada, além da especialização flexível que tem sido bem recebida pelas pequenas empresas. (CASTELLS, 2000).

(...) as empresas de pequeno e médio porte parecem ser formas de organização bem adaptadas ao sistema produtivo flexível da economia informacional e também é certo que seu renovado dinamismo surge sob o controle das grandes empresas, as quais permanecem no centro da estrutura do poder econômico na nova economia global. (CASTELLS, 2000, p.214).

Isto, porém, não significa o fim das empresas de grande porte, mas observa-se a crise do modelo corporativo tradicional embasado na integração vertical e no gerenciamento funcional hierárquico, o sistema de funcionários e linha de rígida divisão técnica e social do trabalho dentro da empresa.

A economia informacional, entretanto, relata Castells (2000) como acontece com todas as formas de produção historicamente distintas, caracteriza-se pela especificidade de cultura e instituições, porém, a cultura não deve ser considerada como um conjunto de valores e crenças ligadas a uma determinada sociedade, afinal, o que caracteriza o desenvolvimento da economia informacional global é justamente a sua origem em contextos culturais e nacionais distintos.

“(...) Mas a diversidade de contextos culturais de onde surge e em que evolui a economia informacional não impede a existência de uma matriz comum de formas de organização nos processos produtivos e de consumo e de distribuição”. (CASTELLS, 2000, p.209).

Quanto às organizações, define Castells:

Por organizações, entendo os sistemas específicos de meios voltados para a execução de objetivos específicos. Por instituições, compreendo as organizações investidas de autoridade necessária para desempenhar tarefas específicas em nome da sociedade como um todo. (CASTELLS, 2000, p.209).

Assim ratifica-se a questão da diversidade cultural e da necessidade de respeitá-la, independentemente do ramo do negócio no qual se investe.

As organizações precisam se basear nessas diferenças e este retorno se tornou muito mais eficaz a partir do momento em que a tecnologia possibilitou maior contato entre empresas e países.

Com a formação de rede, aumenta-se a responsabilidade, mas os departamentos possuem certa autonomia essencial para o desenvolvimento de ambas as atividades. Desse modo o autor demonstra as vantagens de uma empresa em rede.

Quanto ao narcotráfico, observa-se que são formados cartéis em certas regiões, que seriam as “empresas grandes” ou no caso do Brasil, por exemplo, com as famosas facções (CV, dentre outras) que também poderiam se considerar grandes organizações, pois como cita Silva (2011) o Comando Vermelho aparece como uma organização incutida na nova dinâmica internacional do narcotráfico, dominando o mercado de drogas no Rio de Janeiro e servindo de modelo para pequenos grupos de outros estados.

Sendo assim, percebe-se a dominância dos grandes grupos, mas que não deixam de gerar pequenos grupos narcotraficantes, como nas empresas em rede, como uma forma de disseminar a atividade e gerenciá-la, delegando funções de liderança.

Castells (2000) afirma que essas redes facilitam o serviço das grandes empresas e contribuem para o aumento de empregos. O que também ocorre no narcotráfico, pois que a delegação de pequenas funções permite que várias pessoas, às vezes da mesma família, recebam pagamentos derivados da atividade do tráfico, que muitas vezes é a única forma de sobrevivência.

Assim, a sobrevivência destas organizações, tanto no que tange a obtenção de lucros quanto a escapar da perseguição governamental “depende da habilidade das redes de se recombinarem, estabelecerem colaborações e dissolverem-se com a mesma facilidade, forjando novos mercados e sempre se mantendo um passo à frente”. (SOUZA, 2007)

Atualmente, é mais comum que as organizações atuem em diferentes atividades, conectadas pelas redes, pois “é competitivamente menos vantajoso controlar, do começo ao fim, a cadeia de fornecimento de um determinado produto”. Nesse processo, “a especialização tornou-se a própria rede e suas habilidades para adquirir, transportar e distribuir mercadoria ilegal em vários países”. (SOUZA, 2007).

Dreifuss (2004) ainda relata que assim, a distância entre países fica cada vez menor e grandes conglomerados empresariais se formam trabalhando em redes, adquirindo, muitas vezes, poder econômico e político maior do que nações. Por meio

da prática mercantil, a conquista de novos territórios foi fundamental para a expansão das empresas e o relacionamento com outras instituições.

O que se pode afirmar, porém, é que as redes sempre serão componentes imprescindíveis para as organizações e expandindo-se por toda a economia global, pois contam também com o poder de alcance da tecnologia.

Castells (2000) conclui que as informações e o conhecimento foram fatores fundamentais para o avanço da economia e desenvolvimento tecnológico, desencadeando a globalização. Sendo que, com a revolução tecnológica foi necessária uma adaptação da sociedade, até porque surgiram novos paradigmas.

O uso de tecnologias é essencial para a empresa moderna investir em pesquisa e desenvolvimento, na busca por novos métodos e produtos que estejam relacionados com a exigência do consumidor. (SILVA, 2011).

Em relação ao crime organizado, o que ocorre é um investimento em novos tipos de droga e no aperfeiçoamento das que já são produzidas em laboratórios¹⁷.

No crime organizado, o uso das novas tecnologias de comunicação, principalmente telefones celulares e computadores portáteis para a comunicação e monitoramento sobre o andamento das transações, ampliou a flexibilidade e complexidade da indústria do crime organizado. A exemplo do tráfico de drogas que se proliferou pelo mundo todo, sendo que muitos líderes comandam suas atividades sem sair do país. (CASTELLS, 1999).

Nesse capítulo, portanto, buscou-se discutir acerca da estrutura do narcotráfico comparada com a estrutura da empresa atual, relatando comparações com embasamentos teóricos que demonstraram os principais aspectos relacionados à organização destas empresas.

Considera-se então, que apesar de alguns quesitos divergentes, a organização criminal, ressaltando-se a do tráfico de drogas, possui muitas semelhanças com as empresas capitalistas legais, pois como estas, a empresa

¹⁷ Como exemplo de novos tipos de droga, tem-se a denominada "Cristal ou Ice", que tem a aparência de um cristal, forma inofensiva, mas possui o efeito devastador sobre o corpo, podendo em pouco tempo levar até a morte. A droga é produzida em laboratório, sendo assim muito poderosa, chegando a ser dez vezes mais potente que a Cocaína. De acordo com especialistas, a droga é a mais perigosa que existe atualmente. Segundo especialistas, o entorpecente é altamente viciante, basta usar uma vez para se tornar dependente. Nos Estados Unidos a droga é tratada como uma epidemia, com campanhas educativas que mostram os efeitos devastadores da droga no corpo. (**DROGA CRISTAL OU ICE:** A droga mais devastadora dos últimos tempos. Disponível em: <<http://www.top30.com.br/news/droga-cristal-ou-ice-a-droga-mais-devastadora-dos-ultimos-tempos>>. Acesso em: 31 jan. 2012.).

narcotraficante precisa estabelecer regras, níveis hierárquicos, especialização de profissionais, uso de tecnologia, alianças e estratégias que possibilitam alcançar o lucro atrelado à satisfação dos clientes para que possam permanecer no mercado de forma eficaz e concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar como ocorre a organização do tráfico de drogas em comparação com a organização da empresa moderna, levando em consideração, dentre outros, aspectos como estrutura, recursos humanos, influência no mercado e necessidade de aprimoramento.

No capítulo 1 foi analisado o desenvolvimento da indústria do narcotráfico da cocaína, caracterizando-se como uma das atividades mais importantes e lucrativas do crime organizado. Inicialmente a cocaína foi usada com fins medicinais, encontrando-se posteriormente uma nova forma de utilizar-se da folha dessa planta, a fim de se absorver seus efeitos alucinógenos.

Com o uso de drogas se proliferando, em 1911 houve uma reunião em Haia, na Holanda discutindo o ópio e a cocaína, reunião que resultou na assinatura de um tratado para que se coibisse o uso de drogas, do qual o Brasil foi signatário. Em 1914, nos Estados Unidos, aprova-se uma lei interna proibindo a comercialização e o livre consumo das drogas. Entretanto, no Brasil, foi em 1921 que surgiu a primeira lei restritiva ao uso de droga.

A proibição não coibiu a ação ilegal de grupos traficantes atuantes em São Paulo, Rio de Janeiro, bem como a entrada ilegal de drogas vindas da Colômbia, por meio de bases na Amazônia. Com a disseminação das drogas, nos anos 80 o Brasil era uma importante rota para a droga, que tinha como destino Europa e Estados Unidos.

Frente a esta disseminação e a quantidade, cada vez maior de cocaína exportada para vários países, o que foi possível concluir é que o tráfico desta droga, nas últimas décadas tornou-se um negócio extremamente lucrativo.

No capítulo 2 foi abordada a questão do crime organizado do narcotráfico e sua forma de estruturação, a fim de se analisar os fatores que contribuíram para a expansão desta atividade.

Iniciou-se o capítulo enfatizando a dificuldade de conceituação do termo “crime organizado”, não havendo, portanto, uma definição mundialmente aceita, tendo apenas o respaldo de alguns dispositivos do ordenamento jurídico e definições

criadas por alguns autores. Este atraso revela as dificuldades do Brasil em se equipar para enfrentar a criminalidade.

Conclui-se, porém, por meio das opiniões dos autores, que resumidamente o crime organizado consiste na ideia de uma organização de indivíduos (bando ou quadrilha) unidos com um mesmo fim, com caráter ilícito, que agem criminosamente a fim de auferir grandes lucros e com uma estrutura similar a de uma empresa lícita, como a existência de vínculos hierárquicos, dentre outras características.

Como características do crime organizado é possível citar: planejamento empresarial, hierarquia, fins lucrativos, conexões com outros países ou regiões, dentre outros, notando-se também a dimensão alcançada pela organização.

Neste capítulo também foi dividido o crime organizado em cinco etapas. O centro de comando, onde são tomadas as principais decisões; o centro de inteligência, que é responsável por bloquear o acesso por parte de forças repressoras às informações da organização; o centro de coordenação e controle, que visa alertar os centros superiores de qualquer perigo avistado; as unidades operacionais que desenvolvem as operações criminosas da organização; e as unidades periféricas, que são compostas pelos indivíduos de maior visibilidade da organização, os chamados “peixes pequenos” que constituem a mão-de-obra do serviço organizado.

No capítulo 3, por fim, foi realizada uma comparação entre o crime organizado e a estrutura empresarial, onde se notou várias semelhanças entre a estrutura do tráfico de drogas com a estrutura empresarial moderna.

Percebeu-se que a internacionalização das organizações criminosas é tão importante como a das empresas capitalistas, pois que as alianças realizadas entre grupos e facções de países diferentes, é fundamental para a expansão da atividade realizada, bem como para o sucesso do transporte de drogas.

Na empresa capitalista, nota-se que atualmente a estrutura é mais dinâmica. Estas se caracterizam por um sistema de interação, por meio de fusões e alianças, ou seja, um processo de internacionalização, buscando novos produtos, novas tecnologias e buscando espaço num mercado cada vez mais competitivo, o que ocorre semelhantemente com o narcotráfico.

Contribuíram para algumas mudanças a adoção da cooperação e os sistemas de rede, que oferecem uma possibilidade de dividir custos e riscos, além de manter a empresa atualizada, abrindo-se oportunidades em tempo integral. Ademais, a

sociedade informacional, baseada numa série de tecnologias que permitem esta atualização, reflete o progresso do desenvolvimento empresarial.

Outro aspecto a considerar, é que apesar de o narcotráfico ser uma atividade ilegal, é altamente rentável para seus líderes e para que este lucro permaneça, é essencial que haja uma boa administração de recursos empregados, recursos humanos, distribuição, produção, dentre outras questões.

No entanto, apesar de sua semelhança com a estrutura da empresa moderna, o crime organizado sofre a repressão do Estado que combate estas atividades.

Dessa forma, as comparações realizadas no decorrer do trabalho permitiram concluir que é possível efetuar uma comparação entre o narcotráfico e a empresa capitalista, já que assim como as empresas, o crime organizado precisa estabelecer regras, níveis hierárquicos, especialização de profissionais, uso de tecnologia, alianças e estratégias que possibilitam alcançar o lucro, atrelado à satisfação dos clientes.

O narcotráfico, dado sua origem ilícita, pode não ser um parâmetro para as empresas atuais, mas com certeza demonstra que para que toda instituição obtenha sucesso, é preciso estar atualizada e organizada, de forma a promover meios eficazes de funcionamento, a fim de se alcançar os objetivos propostos.

Nesta perspectiva, conforme os objetivos foi possível analisar a evolução da indústria do narcotráfico. Também foi realizada a descrição acerca da estrutura do crime organizado, bem como uma comparação entre a estrutura desta atividade com os novos paradigmas da empresa capitalista.

Buscando-se então uma relação entre o narcotráfico da cocaína e a economia capitalista, o que se compreende é que as ações dos narcotraficantes fazem parte do sistema capitalista porque se constituem negócios lucrativos que empregam, usam equipamentos (seja na produção ou na proteção, como equipamentos laboratoriais e armamentos, respectivamente), materiais e produtos químicos, movimentando, por sua vez, diversos setores, além de se relacionar com o governo, na aplicação de lucros em bancos e diversos negócios. É justamente por fazer parte deste sistema, juntamente com outros setores, que o combate ao crime organizado se torna ainda mais difícil, pois afetaria todas as organizações, empresas e indivíduos envolvidos, com as quais o crime organizado está conectado.

Portanto, o que se pode concluir por meio deste trabalho, levando em consideração as referências bibliográficas abordadas é que o desenvolvimento do

mundo moderno exige em ambos os segmentos uma constante reestruturação, um acompanhamento da globalização e da necessidade e exigência dos consumidores.

Por fim, sugerem-se pesquisas que auxiliem na compreensão do fenômeno do narcotráfico e sua relação ou influência no sistema capitalista; bem como estudos acerca da temática a fim de se alcançar estatísticas sobre o crime organizado, para que futuramente seja possível conceituá-lo e, por conseguinte, estabelecer punições para esta prática, assim como para a lavagem de dinheiro, que apesar de sua influência econômica, é uma prática ilícita que inibe a ação dos grandes grupos organizados, trazendo à tona mais um, dos muitos já existentes, problemas sociais.

REFERÊNCIAS

100 CASOS DE LAVAGEM DE DINHEIRO. Grupo de Egmont. Fius em Ação. Brasília: Conselho de Controle de Atividades Financeiras – COAF, 2001.

A Globalização do Crime: uma avaliação da ameaça do crime organizado Transnacional. UNODC: 2010. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/southerncone//Topics_drugs/WDR/2011/Regional_overview_-_PORT.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2011.

ALMEIDA, Leandro Lopes de; GOLÇALEZ, Alline Gonçalves et a. **Crime organizado.** Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 392, 3 ago. 2004. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/5529>>. Acesso em: 1 dez. 2011.

ALVES, Paulo Ricardo da Conceição. **O tráfico de drogas no Brasil.** Julho/2009. Disponível em: <<http://www.novacriminologia.com.br/Artigos/ArtigoLer.asp?idArtigo=2514>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

AMORIM, Carlos.. **O que é crime organizado?** Junho/2010. Disponível em: <<http://carlosamorim.com/2010/06/25/o-que-e-crime-organizado/>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

ARAÚJO, Tarso; SAMBUGARD, Adriano. **Proibir é legal?** Revista Super Interessante. Edição 244. Outubro/2007.p.67.

BECK, Francis Rafael. **Perspectivas de controle ao crime organizado e crítica à flexibilização das garantias.** São Paulo: IBCCRIM, 2004.

BELLUZZO, L. G.; ALMEIDA, J. S. G..**Depois da queda:** a economia brasileira da crise da dívida aos impasses do real. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BÉRGAMO FILHO, Clóvis. **A organização de empresas e a visão dos processos.** set 2007. Disponível em: <<http://webinsider.uol.com.br/2007/09/28/a-organizacao-de-empresas-e-a-visao-dos-processos/>>. Acesso em: 18 out. 2011.

BONANNO, Alessandro. **A globalização da economia e da sociedade**: Fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar. In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa (Org.) Globalização, Trabalho, Meio Ambiente – Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: UFPE, 1999.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MARTINS, Elvio Rodrigues. **O desenvolvimento industrial brasileiro e o processo de concentração industrial**. Módulo 6. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Fim de Milênio**: A era da informação, economia, sociedade e cultura. Vol.3. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. V.1. 8ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COGGIOLA, Osvaldo. **As razões da droga na América Latina**. Junho/2005. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2005/06/24/479422/as-razes-da-droga-na-america-latina.html>>. Acesso em 10 nov. 2011.

COMERLATTO, Lairton Marcelo. **Cadeias Mercantis Globais**: governança e forma de inserção da indústria moveleira de São Bento do Sul/sc. Ano 2006. Disponível em: < http://www.gpepsm.ufsc.br/index_arquivos/13.pdf> Acesso em: 31 jan. 2012.

CORDEIRO, José Vicente B. de Mello; RIBEIRO, Renato Vieira. **Economia empresarial**: gestão da empresa. Curitiba: Associação Fransiscana de Ensino Senhor Bom Jesus, 2002.

DO FORDISMO AO PÓS FORDISMO. Uma visão da acumulação flexível. V Encontro Brasileiro de Geógrafos. Curitiba: AGB, 1994. Disponível em: < http://www.charlespennaforte.pro.br/acessoexclusivo/bancodetextos/fordismo_e_pos-fordismo.htm#_ftn11>. Acesso em: 18 out. 2011.

DOWDNEY, Luke. **ISER / Viva Rio**, Rio de Janeiro, 2002

DREIFUSS, Rene Armand. **Transformações**: matrizes do século XXI. Petrópolis, (RJ): Vozes, 2004.

DROGA CRISTAL OU ICE: A droga mais devastadora dos últimos tempos. Disponível em: < <http://www.top30.com.br/news/droga-cristal-ou-ice-a-droga-mais-devastadora-dos-ultimos-tempos>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

FIELDMAN, Andrew L. **Microregulation and post-Fordism: critique na development of regulation theory.** New Political Economy, 2002.

GOMES, Luiz Flávio. **Lei de drogas comentada: Lei 11.343/2006, de 23.08.2006.** 2ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

GRECO FILHO, Vicente; RASSI, João Daniel. **Lei de drogas anotada: Lei 11.343/2006.** 2ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1992.

HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando. **Desenvolvimento industrial no Brasil: oportunidades e desafios futuros.** N.187, janeiro 2011. ISSN 01039466. Campinas: UNICAMP, 2011.

KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil.** São Paulo: Editora Atual, 1980.

LEBORGNE, D.; LIPIETZ, A. **Flexibilidade Defensiva ou Flexibilidade Ofensiva: Os Desafios das Novas Tecnologias e da Competição Mundial,** In: Reestruturação Urbana-Tendências e Desafios (Orgs.), Rio de Janeiro, Nobel/IUPERJ, 1990, p. 18.

LIMA, L.C. **Tecnopólo: A Formação de uma nova territorialidade,** In: O Novo Mapa do Mundo – Fim de Século e Globalização (Orgs.). São Paulo, Hucitec/ANPUR, 1993.

MACHADO, Luiza. **A origem do tráfico de drogas.** Dez. 2009. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/noticias-e-sociedade-artigos/a-origem-do-traffic-de-drogas-1609276.html>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

MAGALHÃES, Mário. **O narcotráfico.** São Paulo: Publifolha, 2000.

MARTINS, Charles Emil Machado. **Uso de drogas. Crime? Castigo? Jus Navigandi,** Teresina, ano 13, n. 2059, 19 fev. 2009. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=12352>>. Acesso em: 01 out. 2011.

NAVARRO, Roberto. **O que foi a guerra do ópio?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-a-guerra-do-opio>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

OLIVEIRA, Adriano. **Crime organizado: é possível definir?** Revista Espaço Acadêmico. N.34. Março/2004. ISSN 1519.6186. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/034/34coliveira.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

OLIVEIRA FILHO, Edemundo Dias. **O vácuo do poder e o crime organizado: Brasil, início do século XXI.** Goiânia: AB Editora, 2002.

PAMPLONA, João Batista. **Erguendo-se pelos próprios cabelos: auto-emprego e reestruturação produtiva no Brasil.** São Paulo: Germinal, 2001.

PORTAL BRASIL. HISTÓRIA GERAL: Revolução Industrial. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/historiageral_revolucaoindustrial.htm>. Acesso em: 18 out.2011.

PORTAL VERMELHO. Estudo: América Latina e o tráfico de droga. Set/2011. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=10&id_noticia=164335>. Acesso em: 12 nov. 2011.

RIBEIRO, Vilan de Souza. **Uma Empresa Chamada Tráfico De Drogas.** Fev.2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/uma-empresa-chamada-traffic-de-drogas/59981/>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, Jose Augusto de Souza . **Pesquisa social: metodos e tecnicas.** 3. ed. rev. ampl São Paulo: Atlas, 1999. 334p.

ROCHA, S.M. **Adolescência, uso de drogas e comportamento de risco.** Revista Interação em Psicologia. v8. Paraná: Universidade Federal do Paraná Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação. ISSN: 1516-1854:2004.

SCAVRON, Jaison. **Rápida História das Empresas.** Out.2008. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/producao-academica/rapida-historia-das-empresas/1142/>>. Acesso em: 15 out. 2011.

SILVA, Eduardo Pinto e. **Trabalho, sociabilidade produtiva e formação humana.** São Paulo: UFSCAR, 2005.

SILVA FILHO, Linderson Pedro da. **O fordismo, o pós-fordismo e a sua influência sobre a determinação de salários no Brasil**. Bauru, SP: SIMPEP, 2005.

SILVA, Pedro Seixas da. **Identificando a empresa moderna**. Disponível em: <http://www.fgr.org.br/admin/resumos/20082554710236943653586224Identificando_a_empresa_moderna.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

SILVA, Pollyanna Maria da. **Uso de drogas: do senso comum às percepções dos operadores do direito na área criminal**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em ciências criminais, 2008.

SOUZA, Fátima. **Como funciona o tráfico de drogas**. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/trafico-de-drogas.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

SOUZA, Marcos Barcellos. **Capitalismo e Clandestinidade: os subcircuitos ilegais da economia urbana metropolitana**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia: 2007.

TAVARES, H.M. **Complexos de Alta Tecnologia e Reestruturação do Espaço** In: Caderno IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, V, VII, 1, 1993.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Flexibilização organizacional, mito ou realidade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TRÁFICO: cifras astronômicas, apreensões mínimas. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/trafico-de-drogas-cifras-astronomicas-apreensoes-minimas-segundo-a-onu>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

VELLOSO, Renato Ribeiro. **O crime organizado**. UFSM: Santa Maria-RS, 2011.. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/direito/artigos/opiniao/crime-organizado.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

VERGARA, Sylvia Constant; BRANCO, Paulo Durval. **Empresa humanizada: a organização necessária e possível**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 2001.

VIEIRA, Pedro Antonio. **A inserção do "Brasil" nos quadros da economia-mundo capitalista no período 1550-c.1800: uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar**. *Econ. soc.* [online]. 2010, vol.19, n.3, pp.

499-527. ISSN 0104-0618. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-06182010000300004>> Acesso em: 31 jan. 2012.